

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes | Departamento de Design

Projeto de Diplomação em Design

## VISUALIZANDO TEIAS DE PENSAMENTO

Diagramas epistemológicos do paradigma  
feminista e paradigma patriarcal

## DIÁRIO LUNAR

Uma ferramenta para empoderar as  
mulheres e o feminino

Ariadne Hamamoto Sobral

11/0058518

Professora Doutora Mãe-Orientadora  
Fátima Aparecida dos Santos

Professora Doutora Mãe-Orientadora  
Symone Rodrigues Jardim

Brasília, junho de 2016.

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes | Departamento de Design

Projeto de Diplomação em Design

## VISUALIZANDO TEIAS DE PENSAMENTO

Diagramas epistemológicos do paradigma  
feminista e paradigma patriarcal

## DIÁRIO LUNAR

Uma ferramenta para empoderar as  
mulheres e o feminino

Relatório dos projetos de diplomação em Design,  
nas habilitações de Programação Visual e Projeto de  
Produto, do Departamento de Design da Universidade  
de Brasília. Iniciado no primeiro semestre de 2015 e  
concluído no primeiro semestre de 2016.

Ariadne Hamamoto Sobral

11/0058518

Professora Doutora *Mãe*–Orientadora  
Fátima Aparecida dos Santos

Professora Doutora *Mãe*–Orientadora  
Symone Rodrigues Jardim

Brasília, junho de 2016.

Demonstrar o funcionamento da dominação é considerado uma necessidade, para permitir em seguida a ação, a resistência, a subversão. Analisar e transformar, desvelar para refazer, tais seriam as lógicas de uma prática feminista. Teoria, seguida de prática, em suma.

Geneviève Fraisse

Introdução	9
Metodologia	10
Roda de Projeto	12
<b>Parte I: Programação Visual</b>	15
Pergunta / Problema	17
Questão motivadora	19
Teia de Conhecimentos	20
A complexidade visual e a representação de redes	23
Árvores: as redes-mãe	23
Aristóteles, Porfírio e Descartes	24
Mapeando o sistema epistemológico patriarcal	27
1. Documentar	28
2. Clarear	30
3. Revelar	32
4. Expandir	38
5. Abstrair	41
O Livro-Objeto	42
<b>Parte II: Projeto de Produto</b>	53
Pergunta / Problema	55
Questão motivadora	55
Questionário	56
Análise dos resultados	58
Definições de Conteúdo e Continente	78
Mito — Conteúdo — Continente — Ritual	80
Diário Lunar	82
Roda da Mulher	84
Herbário & Receituário	86
Conclusões / Fechamento	88
Bibliografia	89



Este projeto parte de uma base de lançamento diferenciada. Pretende-se olhar novamente para o que é design, como é o processo de design e o que são produtos de design a partir de questionamentos que surgem ao olhar para a desigualdade e desequilíbrio do mundo. Enquanto designer e mulher, minha missão é buscar voz, espaço e ação feminina dentro do design, na sua concepção, no desenrolar do seu processo e nos seus resultados. Guiada pelas fases e ritmo do meu ciclo menstrual, o projeto rodopiou pelas fases de Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar.

O projeto brota na teoria, no mundo das ideias e do paradigma que as organizam, passando por um processo de mapeamento desse território. E o projeto dá seus frutos no mundo material, resultando em livros-objetos; o primeiro pretente provocar a mente, o segundo pretente instigar o corpo.

Cruzando as fronteiras entre design de produto e design gráfico, entre teoria e prática, entre o material e o imaterial, esse projeto pretende explorar essa dialética com uma visão feminina/feminista, partindo da complexidade visual e da representação de redes como ferramentas que permite organizar, estruturar e apresentar visualmente a rede de conhecimento que é tecida com as informações.

Em um desdobramento dessa teoria e de uma nova base de pensamento, materializa-se o produto, sendo o livro-objeto seu suporte, e que traz consigo o universo das possibilidades de representação de ideias filosóficas por meio de metáforas geométricas e pictóricas, uma poética da relatividade e liberdade de pensamento.

E gerou-se também um livro-objeto que tem como objetivo explorar a conexão das mulheres com a menstruação, com a intenção de fortalecer o feminino e as mulheres, por meio de autoconhecimento e autonomia. Produto este que é a práxis da teoria, da nova base de pensamento.

## Metodologia

Dados o contexto e as intenções do projeto – e claro, a mulher estudante de design que aqui escreve –, ficou claro que seria impossível seguir as metodologias convencionais de design, as quais são rigidamente lineares e divididas em etapas pré-determinadas, que são definidas sob um olhar atado a uma finalidade pontual.

Em 2013, conheci a ferramenta metodológica de projetos de design Dragon Dreaming, a qual é baseada na sabedoria tradicional dos aborígenes do oeste australiano.

Em 2014 encontrei o pântano de areia movediça dos feminismos. Maravilhada, eu entrei e dancei. Meus movimentos encontraram o ecofeminismo e o Sagrado Feminino, que me iluminaram possibilidades de entendimento da vida, da Terra e de nós mesmas e me ensinaram outras formas de conectar e relacionar – outras formas de viver a vida (e de realizar projetos). No mergulho desse movimento conheci inúmeras Deusas de diversas culturas, os arquétipos femininos e as particularidades do corpo feminino associado a ser socialmente mulher.

Eis que me surge a tentação de fundir a ferramenta metodológica do Dragon Dreaming aos mitos, símbolos e arquétipos femininos, a redelineá-la pelo olhar e vivência de uma mulher (cisgênero) feminista e designer. E eu resisto a tudo menos a tentação.

## Dança das Deusas

*uma ferramenta de design feminina/feminista*

Uma ferramenta de design – ou princípios para viver a vida – delineada por saberes ancestrais centrados no feminino, que cultuam a Terra e respeitam as mulheres por terem o poder de criar, dar vida, nutrir e regenerar. Entendendo a vida como um processo, como ciclo regenerativo e não como um estado oposto à morte. Posto que todo fim é o princípio de um novo começo. Essa ferramenta é um olhar e um caminho que busca reavivar os significados da vida de integridade, interconexão e experiência cíclica, que tornam o design, enquanto processo e resultado – e por conseguinte a vida – sustentáveis.

É uma metodologia que estabelece relações de cooperação, de ganha-ganha. Ao contrário da epistemologia ocidental dicotômica (estruturada na competição e relação de ganha-perde, que resulta em hierarquia violenta), entende-se que é impossível controlar o mundo “tendo poder sobre”, uma vez não se tem controle sobre o fluxo de energia, matéria, informações e acasos no qual estamos imersas. Então com essa ferramenta busca-se “ter poder com” esses fluxos, o que permite criar artefatos, sistemas, pessoas, relações – e enfim, culturas – que sejam harmônicas, pacíficas e sustentáveis.

Utiliza-se de métodos que abram espaço para a comunicação e o escutar profundo – escutar sua intuição, seu corpo, os outros, a Terra – para além do lógico e racional, partindo de um entendimento integral de si mesma conectada à inteligência ancestral e coletiva.

É uma ferramenta para deixar as coisas saírem seguramente do controle. É acolher e valorizar os momentos de não-pensar, não-saber, não-fazer; aceitar a desordem como parte do processo, até porque é da desordem que emerge a ordem. Essa metodologia se distingue pela visão, voz e discurso femininas e feminista, e pretende auxiliar as mulheres a se reconectarem com seus corpos, ciclos e experiências particulares, dando voz e materialidade às suas perspectivas e sonhos, cultivando o calor da experiência.

Baseada em três princípios:

Reconexão com o nosso corpo e com a Terra, com Pachamama;

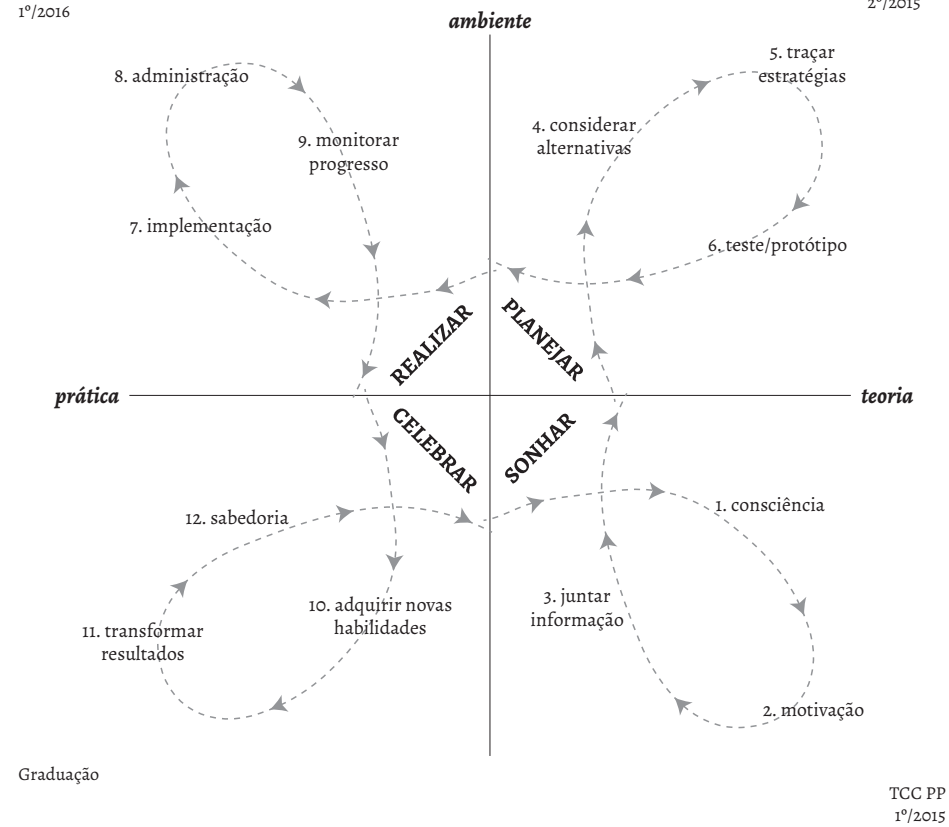
Criar e fortalecer os laços de sororidade e de comunidade;

Crescimento pessoal e empoderamento feminino.

## Roda de Projeto

DIPLÔ  
1º/2016

TCC PV  
2º/2015



## Parte I

### VISUALIZANDO TEIAS DE PENSAMENTO

Diagramas epistemológicos do paradigma  
feminista e do paradigma patriarcal

Professora Doutora *Mãe*–Orientadora  
Fátima Aparecida dos Santos

## Pergunta / Problema

### ***Mas qual é o problema desse mundo?!***

A civilização ocidental se orgulha de seu desenvolvimento e progresso tecnológico e científico, enquanto simultaneamente o mundo enfrenta grandes desigualdades sociais e de oportunidade, alto índice de violência, miséria e fome, e uma massiva destruição e poluição do meio ambiente.

1% da população mundial concentra metade de toda riqueza do planeta

Há 1.020.000.000 pessoas famintas no mundo. (ONU, 2009)

1 pessoa morre de fome a cada 5 segundos.

Há mais de 1 bilhão de pessoas desnutridas e mais de 1 bilhão de obesos no mundo.

A cada segundo são perdidas 2.420 toneladas de solo por erosão; e a cada hora formam-se mais de 1.370 hectares de deserto. (ONU/FAO, 2009, 2007, 2006)

38% da vegetação nativa do Brasil já foi devastada (IBGE, 2012)

Jovem negro tem 2,5 vezes mais risco de ser assassinado. (Índice de Vulnerabilidade Infantil, 2015)

Renda dos negros é 40% menos que a dos brancos. (IBGE)

60,8% da população prisional é negra. (Mapa do encarceramento, 2014)

O Brasil é o país onde mais se assassina pessoas trans no mundo, sendo responsável por 40% dos homicídios transfóbicos; e 90% das pessoas transexuais ou travestis estão em situação de prostituição. (ANTRA, Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros no Brasil)

*Cronômetro da Violência contra as Mulheres no Brasil:*

5 espancamentos a cada 2 minutos.

(Fundação Perseu Abramo/2010)

1 estupro a cada 11 minutos.

(9º Anuário da Segurança Pública, 2015)

1 feminicídio a cada 90 minutos.

(Violência contra a mulher, Feminicídios no Brasil – IPEA, 2013)

179 relatos de agressão por dia.

(Balanço Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher/jan-jun/2015)

Mais de 160 mil mulheres vítimas de homicídio entre 1980 e 2013.

(Mapa da Violência contra a Mulher)

Brasil ocupa a 5ª posição em ranking global de homicídios de mulheres, entre 83 países elencados pela ONU.

Em 2013, morreram assassinadas, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, 66,7% mais meninas e mulheres negras do que brancas.

A violência contra mulheres negras (que pode não ter se concretizado em homicídio), cresceu 190,9% na década de 2003 – 2013.

33,2 % dos feminicídios foram praticados por parceiros ou ex-parceiros, e 50,3% foram por familiares.

<http://www.onumulheres.org.br/noticias/homicidio-contra-negras-aumenta-54-em-10-anos-aponta-mapa-da-violencia-2015/> (acesso em 2 de junho de 2016)

<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2015/11/mulheres-negras-sao-mais-assassinadas-com-violencia-no-brasil> (acesso em 2 de junho de 2016)

[https://infogr.am/cronometro\\_da-violencia\\_contra\\_as\\_mulheres\\_no\\_brasil/](https://infogr.am/cronometro_da-violencia_contra_as_mulheres_no_brasil/) (acesso em 1 de novembro de 2015) ●

*Questão motivadora*

Diante o retrato desse mundo que construímos e vivemos, pesa na consciência nossa responsabilidade enquanto designers, que olham para o mundo em busca de problemas e materializam soluções compondo matéria e forma, criando estruturas e gerando artefatos que moldam o uso do nosso corpo e as ações que realizamos, que nos dá status, ou seja, nos coloca em uma determinada posição dentro de uma estrutura de relações, um sistema social, seja a sociedade, a família ou qualquer grupo de pessoas que compartilhem espaço-tempo.

O Design transforma o vago em determinado, transforma a desordem em ordem por meio da atribuição de sentido; é a dialética entre as possibilidades intangíveis no nível da mente e as possibilidades tangíveis no nível material, tensiona a fronteira entre natureza e cultura. Dessa forma, o design tem papel central na existência, coesão e caracterização de uma organização social, que através de um determinado sistema de símbolos e de conhecimento, cria um determinado sistema de objetos (BAUDRILLARD, 2012) — por meio da aplicação de um determinado sistema de técnicas —, que é tanto modelo quanto informação (FLUSSER, 2007) de um sistema cultural, o qual é “criado historicamente, aplicado individualmente e mantido socialmente” (GEERTZ, 2008).

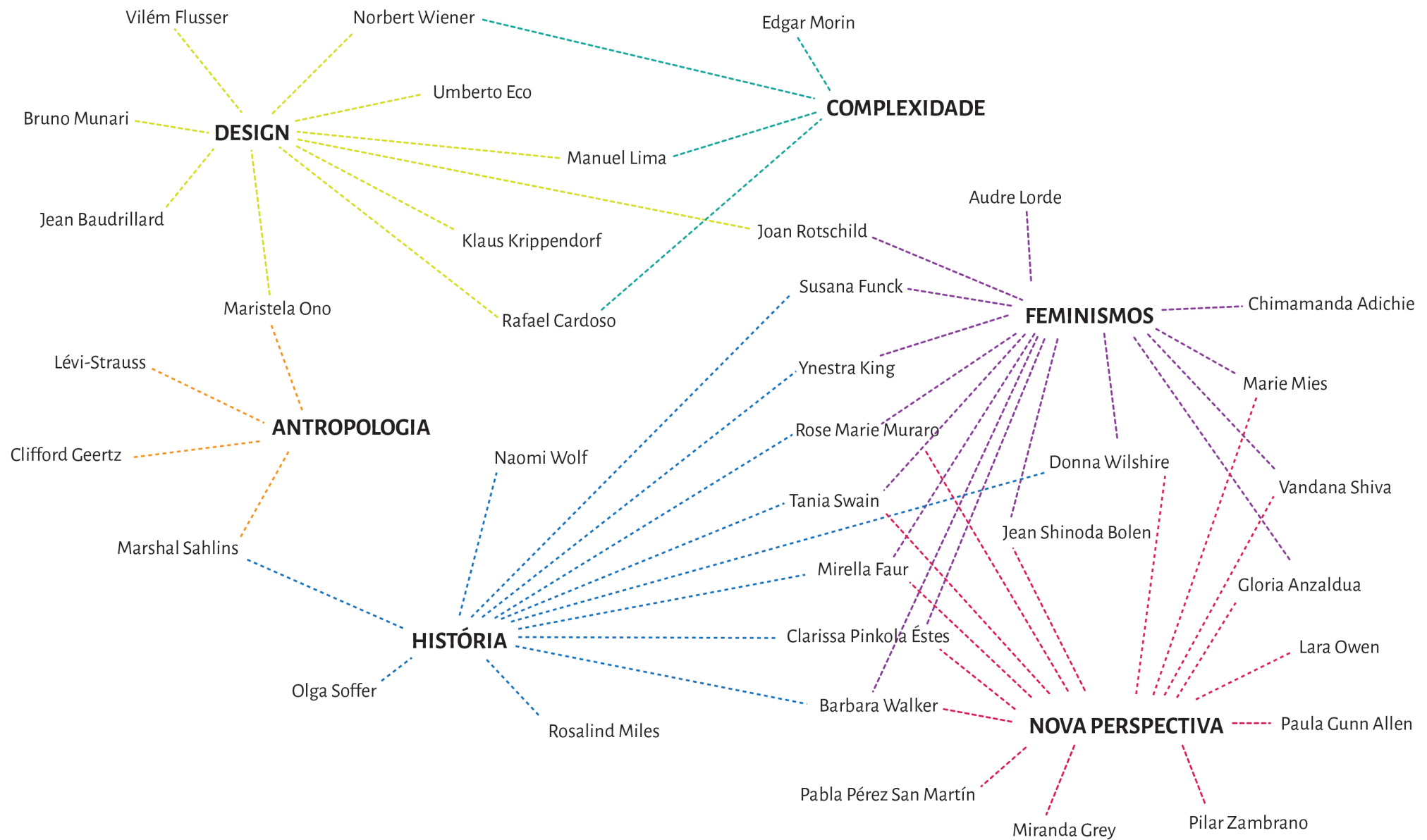
Partindo da base formada por estudos da

teoria e prática do Design, da Antropologia, da teoria do pensamento complexo e dos Feminismos, (e inevitavelmente da vivência, experiência e repertório particulares da pessoa-mulher-designer que aqui escreve), pretende-se utilizar das ferramentas de design de representação de redes e da complexidade visual para compreender e visualizar a estrutura de pensamento que nos caracteriza enquanto cultura nesse momento histórico, (visto que a cultura, assim como nós e todas as coisas, não é uma entidade estática no tempo, mas sim um conjunto mutável em constante transformação), e como os artefatos e as relações que criamos são, em estrutura e forma, resultado e reflexo da supralógica que rege tal pensamento.

Existimos através de um paradigma, a tal supralógica cultural que é um código vivo, um repertório de símbolos, significados, ações, relações e gestos, uma teia de significados tecida pelas pessoas na sociedade (op. cit., p.15) – um padrão compartilhado – pela qual desenvolvem seus pensamentos, ações e criações, e a partir do qual interpretam o significado da sua própria existência (ONO, 2006).

O presente projeto foi propulsionado por essas inquietações.

*Teia de conhecimentos*



## Complexidade Visual & Representação de Redes

São áreas do design que têm como objeto de estudo a intersecção de dois fenômenos tecnológico-culturais da nossa era: a *visualização* – resultado dessa era das telas e das interfaces digitais –; e as *redes*, modelos estruturais e organizacionais que permeiam todas as coisas, de moléculas às conexões que estabelecemos (LIMA, 2011), sejam elas de todos os tipos e que constituem os sistemas que caracterizam nosso viver e sustentam determinada cultura.

Similar à cartografia, a representação de redes é resultado da interação entre a composição lógica e matemática do desenho e os elementos e princípios formais e estéticos do design, em prol de uma representação compreensível e eficiente do sistema em questão. Traduz assim, estruturas escondidas da percepção humana para algo visualmente perceptível, proporcionando um entendimento mais claro do sistema. (LIMA, 2011)

Por meio dessa ferramenta obtemos um “mapa” desses territórios, sejam eles redes sociais (relações de amizade, hierarquia, colaboração, interesses em comum), redes tecnológicas (World Wide Web, rotas de ar, sistemas de trens, sistemas de força), redes biológicas (redes neurais, de interação protéica, de regulação genética), redes de produção, de distribuição, de conhecimento, ad infinitum.

### **Árvores: as redes-mãe**

A árvore é um símbolo universal que transcende o tempo e diferentes culturas, tanto tendo uma associação divina, quanto sendo uma metáfora pictórica para a organização do conhecimento. No decorrer da história humana a estrutura da árvore vem sendo usada para organizar informações de consanguinidade, sistema de leis, domínios da ciência, associações biológicas e sistema de base de dados. A árvore é um modelo que representa graficamente as relações porque expressa a materialização da multiplicidade (representada pela sucessão de galhos, ramos, folhas e frutos) que surge da unidade (o tronco central, que é conectado às raízes, à fonte, à origem).

Para entender a origem e história do desenvolvimento da árvore como modelo epistemológico, revisaremos brevemente os estudos de Aristóteles sobre a classificação do conhecimento e do mundo natural; em seguida o trabalho de Porfírio, que baseado no esquema de Aristóteles criou o princípio lógico e dicotômico que rege o mais antigo diagrama de árvore: a Árvore de Porfírio; e finalmente René Descartes, considerado o pai da filosofia moderna.



**Aristóteles (384 – 322 a.C)**

Filósofo grego que dedicou-se ao estudo do mundo tangível e à noção do Essencialismo – a presença de uma essência imutável em todas as coisas. Sua conceituação de essência se fez a base para o desenvolvimento de uma “taxonomia absoluta da natureza”, pela qual todas as espécies poderiam ser organizadas em uma hierarquia natural da mais baixa a mais alta.

Em sua obra *Categorias*, na qual desenvolve seus estudos de lógica, Aristóteles organizou a lógica do entendimento humano sob dez categorias: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação, afeição. Pela base da sua ontologia, “substância” é a mais importante das dez classes, pois considera que é a característica primária da qual todas os outros atributos são dependentes.

Na obra *Tópicos*, Aristóteles cria uma lista de cinco classificações (predicables) das possíveis relações entre a predicate (sujeito) e o objeto: horos (definição), genos (genus), diaphora (diferença), idion (propriedade) e sumbebekos (acidente). Sendo de grande influência para os sistemas classificatórios subsequentes, a estrutura silogística de Aristóteles não é apenas um

agrupamento linear, ele impõe um mecanismo hierárquico específico, sob o qual uma sequência de premissas são baseadas em um princípio original – a fonte de todas as verdades subsequentes.

Sem dúvidas Aristóteles foi um homem muito presunso. Olhar para a natureza e querer determinar sua “taxonomia absoluta”, organizar todas as espécies em uma hierarquia e se colocar no topo, definir um “princípio original” que é a fonte de todas as verdades subsequentes... É muita prepotência em um ser humano só.

**Porfírio (234 – 305 d.C)**

Alguns séculos após a obra de classificação fundamental de Aristóteles, o filósofo e lógico grego Porfírio escreveu *Isagoge*, uma introdução à obra *Categorias* de Aristóteles e foi de grande influência para pensadores e filósofos subsequentes. Resultado dessa obra foi a *Árvore de Porfírio*, o mais antigo diagrama de árvore classificatória conhecido.

Esse entendimento dicotômico e hierárquico das características e condições

de todas as coisas e seres é incapaz de conceber a realidade em sua totalidade sem invisibilizar e desconsiderar outras possibilidades de existência. Diferenciar os seres vivos entre sensitivos, considerando os animais, e insensitivos, considerando as plantas, é não compreender que as plantas tem uma forma própria de sentir, que é diferente do sentir que nós entendemos, afinal, somos seres distintos.

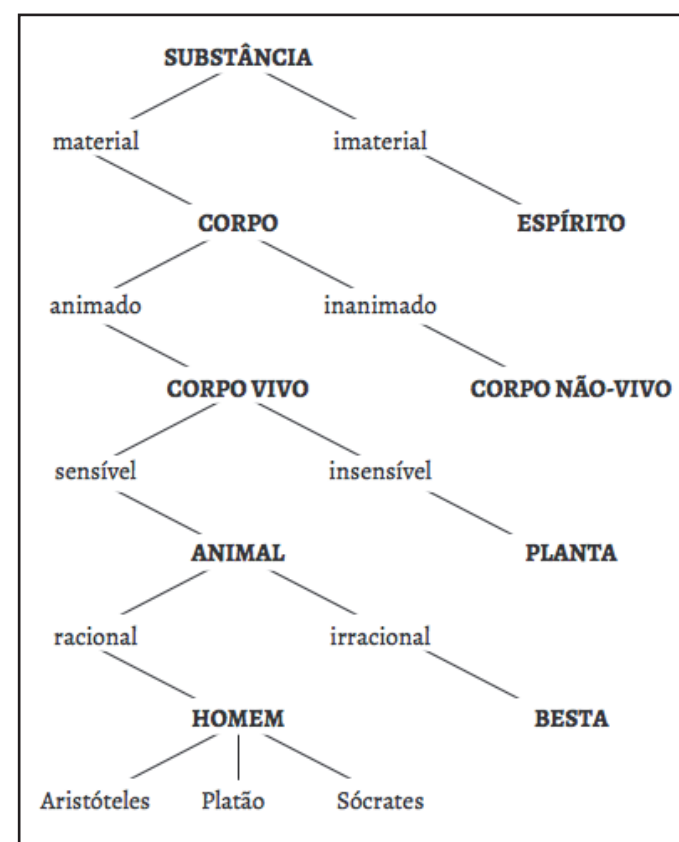


Figura 5  
Árvore de Porfírio

**René Descartes (1596 – 1650 d.C)**

“Toda a filosofia é como uma árvore, da qual a Metafísica é a raiz, a Física o tronco e todas as outras ciências são os ramos que crescem desse tronco, que são reduzidos aos três principais, denominados Medicina, Mecânica e Ética. Ele continua, sugerindo que tal esquema também especifica uma ordem específica de aprendizagem: “Não é das raízes ou dos troncos que colhemos os frutos, mas apenas das extremidades dos ramos, então a principal utilidade da filosofia depende do uso separado das suas partes, os quais apenas podemos apreender por último.”

Essa fala de Descartes é tão perturbadora que deixarei a resposta por conta de Edgar Morin (2011):

Vivemos sob o império dos princípios de disjunção, de redução e de abstração, cujo conjunto constitui o que chamo de o “paradigma da simplificação”. Descartes formulou este paradigma essencial do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (ego cogitans) e a coisa entendida (res extensa), isto é, filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as ideias “claras e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo. Esse paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, sem dúvida permitiu os maiores progressos ao conhecimento científico e à reflexão filosófica; suas consequências nocivas últimas só começam a se revelar no século XX. (op. cit., p.11)

Chegamos ao que Morin chama de inteligência cega, a qual “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada. As realidades são desintegradas.” (op. cit., p.12)

O pensamento cartesiano unifica abstratamente ao anular a diversidade e justapõe a diversidade sem conceber a unidade (o cacauzero e a jabuticabeira, por exemplo, são árvores cujos frutos não são colhidos das extremidades, mas no tronco central), e reduz o complexo ao simples. Quando Descartes diz que “toda filosofia é como uma árvore” e “não é das raízes ou dos troncos que colhemos os frutos, mas apenas das extremidades das partes, então a principal utilidade da filosofia” (e da árvore) “depende do uso separado das suas partes, o qual podemos apenas apreender por último”; gostaria de desafiar Descartes a cortar os galhos das suas frutíferas preferidas e mantê-las na despensa para colher os frutos. Não é possível cortar as fases de um processo complexo e atar-se somente ao fruto final.

*Mapeando o sistema epistemológico patriarcal*

Segundo Lima (2011), enquanto uma potencial decodificadora da complexidade, a visualização de redes é dirigida por cinco funções-chave:

**DOCUMENTAR > CLAREAR > REVELAR > EXPANDIR > ABSTRAIR**

O caminhar do projeto não seguiu linearmente essas funções, mas navegou ciclicamente por entre elas; e por fim elas proporcionaram uma ordem para uma boa lógica de organização que possibilita uma compreensão eficiente do sistema analisado.



## 1. Documentar

A documentação foi uma fase de vasta busca por teorias e pesquisas de autoras e autores de diferentes áreas do conhecimento que analisem as condições da natureza, das mulheres e das minorias na sociedade, questões de gênero e estudos culturais; fazendo essa leitura com o olhar de uma designer feminista, buscando também exemplos materiais e práticos que ilustrem o funcionamento e os resultados da lógica ocidental patriarcal. Concomitantemente, foi realizada a documentação de conhecimentos que não se-

guem a lógica patriarcal, mas que sejam femininos, feministas, ancestrais, locais, intuitivos e corporais. Na Parte II do projeto de diplomação, que corresponde à habilitação de Projeto de Produto, esses conhecimentos são a base para a práxis do processo de design e para o discurso implícito no produto.

A relação de autoras que tecem a base teórica consta na Figura 3, página 27; na sequência, algumas imagens de representações desses conceitos. (Figuras 6 a 10)

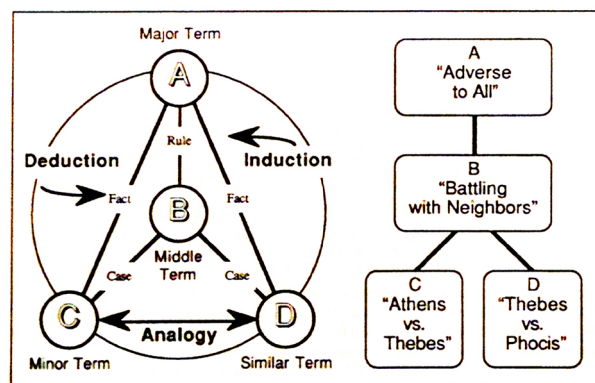


Figura 6  
Paradigma de Aristóteles

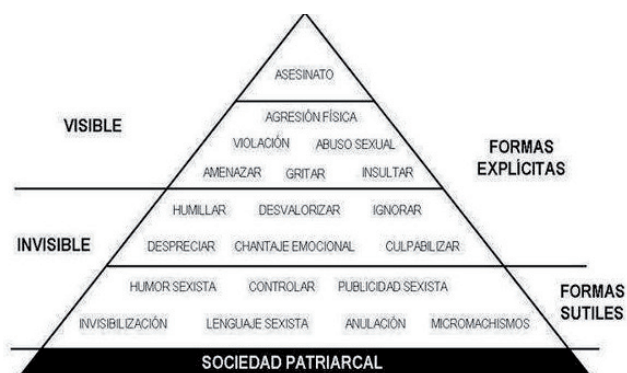


Figura 7  
Pirâmide da sociedade patriarcal

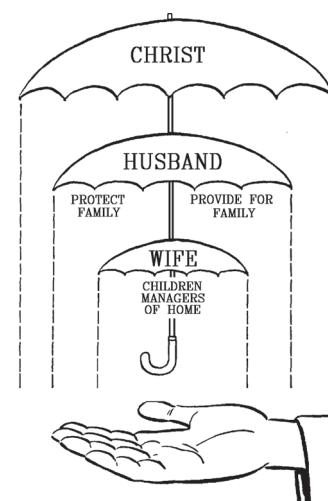


Figura 8  
Guarda-chuva do Homem

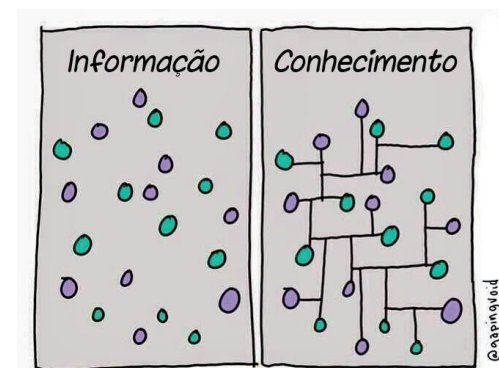


Figura 9  
Informação X Conhecimento



Figura 10  
Norte X Sul



2. Clarear

Em seu trabalho *Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento* (1997), Donna Wilshire apresenta uma tabela com as principais dicotomias do pensamento ocidental, a qual foi expandida pela inclusão de conhecimentos de outras autoras de diferentes áreas do conhecimento, como Mirella Faur, Susana Funck, Tania Navarro, Ynestra King, dentre outras.

Na visão dualista e patriarcal, houve uma distribuição desigual de valores; tudo o que era bom, nobre, valioso, luminoso, benéfico, coerente, fixo, racional e mensurável foi atribuído ao princípio masculino e aos homens, criados à semelhança do Deus imutável e transcendente. As energias mutáveis da Natureza e da mulher tornaram-se sinônimos da imperfeição, do perigo e do instinto selvagem e irracional, que devia ser dominado e controlado. As mulheres foram associadas à escuridão, ao pecado, ao mal, à luxúria, à irracionalidade, à impulsividade, à imprevisibilidade, à inconstância e a todos os “perigos” carnis e sexuais. (FAUR, ano, p.38)

Enquanto Deus é uma força espiritual e transcendente, a Deusa é imanente e permanente, presente em todas as formas, energias, seres e ciclos naturais. A visão dualista, hierárquica e patriarcal preconiza a superioridade de uma polaridade sobre a outra, criando assim o antagonismo entre elas: espírito/matéria, mente/corpo, racional/intuitivo, espiritual/sexual, homem/mulher. (op. cit., p.37)

Tabela 1  
Dicotomias centrais da  
epistemologia ocidental  
patriarcal

Conhecimento (sabedoria aceita)	Ignorância (mito, oculto, tabu)
cultura	natureza
ordem	desordem, caos
sentido	sem-sentido
mais alto (pra cima)	mais baixo (pra baixo)
bom, positivo	mau, negativo
razão (o racional)	irracional (emoção e sentimento)
frio	quente
transcendente	imanente
objetivo (fora, “além”)	subjetivo (dentro)
alvo	processo
luz	escuridão
sujeito	objeto
mente (ideias), cabeça, espírito (Céu)	corpo (sensualidade), ventre (sangue), natureza (Terra)
verdade literal, fato	verdade poética, metáfora, arte
texto escrito, Logos	tradição oral, encenação, Mito
Apolo como sol-céu	Sofia como lua-caverna-terra
esfera pública	esfera privada
linear	cíclico
permanência, formas ideais (fixas)	efêmero, em constante desempenho
duro	macio
dual	inteiro
independente, individual, isolado	dependente, social, interligado
masculino	feminino
homem	mulher
yang	yin

### 3. Revelar

Fase de revelar a *base* do pensamento patriarcal simplificador, em contrapartida com o pensamento feminista complexo. Revelar sua lógica de *desenvolvimento*, sua forma de ser e agir e reagir.

Pela análise do Yin e Yang (Figura 11), antigo símbolo sagrado que representa os dois princípios que proporcionam a vida, o feminino e o masculino – entendidos como princípios fundamentais, e não como gênero – podemos observá-los como complementares, em que um contém a semente do outro, e que estão em constante movimento de transformação conjunta. No entanto, “a epistemologia patriarcal é tanto hierárquica quanto piramidal. Esse sistema valoriza mais algumas modalidades de conhecimento do que outras e eleva um tipo a uma posição de primazia e de independência em relação aos outros” (Wilshire, 1997, p.101), de forma que submete o yin e yang a um processo de entriangulação, como representado na Figura 12 – Yin e Yang patriarcal. Essa perspectiva dualista do feminino e masculino “revelam julgamentos de valor que causaram desnecessariamente a alienação humana do ser, do outro, do planeta, e limitaram desastrosamente o que julgamos ser desejável e digno de conhecer” (op. cit., p.106).

Podemos observar que o Yin Yang original é dinâmico, feminino e masculino são complementares e um contém parte do outro; eles estabelecem uma relação de cooperação (um tem poder com o outro), e formam uma unidade que também é totalidade, que acolhe e integra. Ele traz a ideia da impermanência, da mutação, dos ciclos. Em contrapartida, o Yin Yang patriarcal é estático e piramidal. Feminino e masculino são compartimentados em um dualismo hierárquico de opostos polarizados, estabelecendo entre si uma relação de dominação, na qual o masculino, que é entendido como neutro, como norma e representação do humano, que tem poder sobre o feminino, que é compreendido como sombra, como “menos humano”, gerando um modelo que exclui e isola – a *alteridade* e tudo aquilo que não se encaixa em categorias pré-determinadas.

A partir desses conceitos, gerou-se o Diagrama da Epistemologia Feminista (Figura 13) e o Diagrama da Epistemologia Patriarcal (Figura 14).

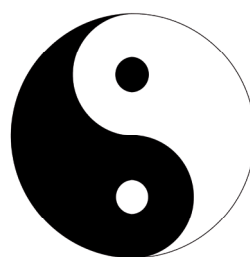


Figura 11  
Yin Yang ancestral

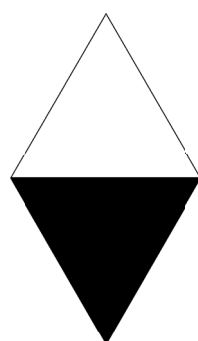
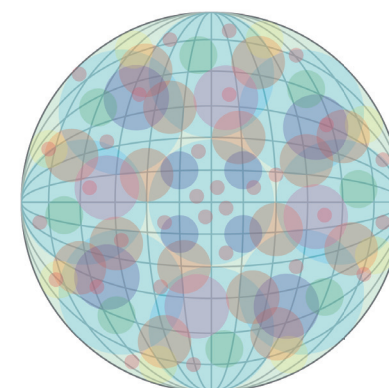
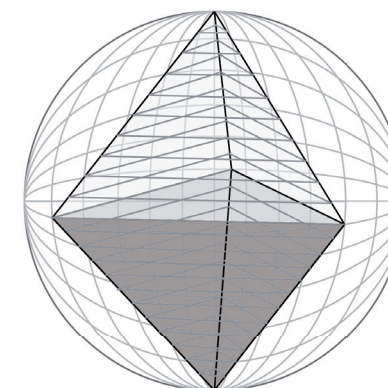


Figura 12  
Yin Yang patriarcal  
(Ariadne Hamamoto, 2016)



cultura matriarcal  
modelo complexo / matriz  
modelo inclusivo  
relações de cooperação (ter poder com)  
conexões englobantes  
dinâmico, fluido  
multidimensional  
acolhe e integra  
exprime a diversidade  
cooperação criativa  
preserva e estimula os ciclos naturais  
reação oxitocina (*tend and be friends*)

Figura 13  
Diagrama da Epistemologia Feminista  
(Ariadne Hamamoto, 2016)



cultura patriarcal  
modelo simplificador  
modelo excludente  
relação de dominação (ter poder sobre)  
conexões lineares  
estático, rígido  
unidimensional  
exclui e isola  
entende igualdade pela uniformidade  
competição agressiva  
luta pela sobrevivência  
reação testosterona (*flight or fight*)

Figura 14  
Diagrama da Epistemologia Patriarcal  
(Ariadne Hamamoto, 2016)

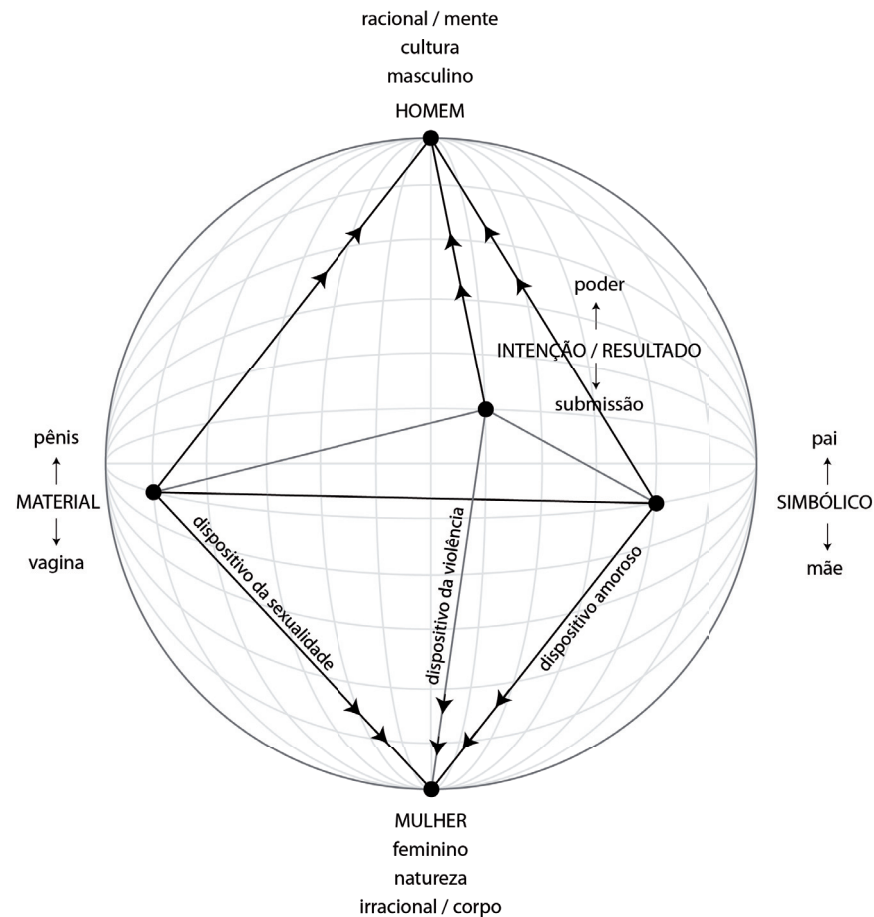


Figura 15  
Dispositivo do Patriarcado  
(Ariadne Hamamoto, 2016)

Assim fica estruturada a ordem hierárquica e piramidal do patriarcado, que se ergue em um tripé que eleva o masculino sobre três alavancas: no nível material, o pênis; no nível simbólico, o pai; e o resultado desejado, a intenção, é ter poder. Para sustentar-se sobre esse tripé, o patriarcado criou três subsistemas: o dispositivo amoroso, que proporciona o assujeitamento da mulher, fazendo-a dependente, ao se validar apenas através do olhar de um homem; o dispositivo da sexualidade, a hipersexualização e objetificação do corpo da mulher; e o dispositivo da violência, física e simbólica, que resultam na internalização do medo e “aceitação” da opressão. (SWAIN, 2014) Esses subsistemas se encarregam de manter o feminino (as Mulheres e a Natureza) em posição rebaixada, subjugada, sob domínio e controle do masculino, do Homem e da Cultura. (Figura 15 – Dispositivo Patriarcal)

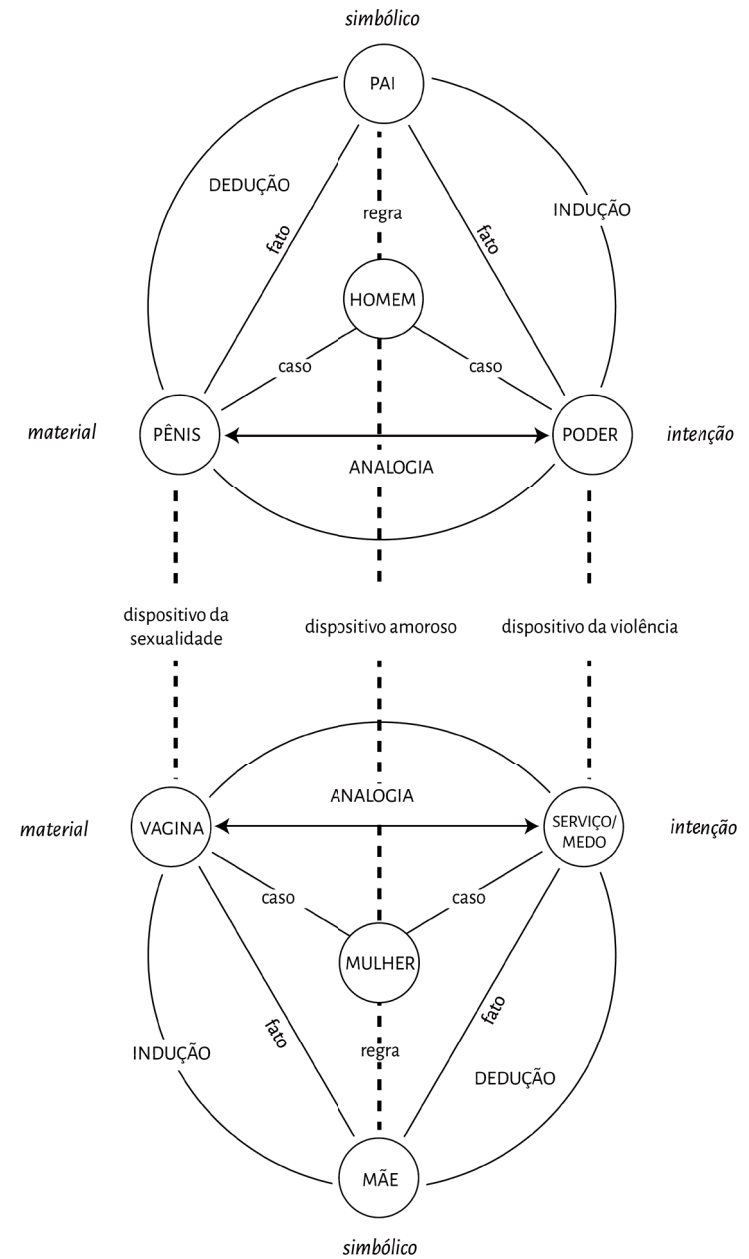


Figura 16  
Dispositivo do Patriarcado (Swain)  
no paradigma de Aristóteles  
(Ariadne Hamamoto, 2016)

## Fator **TEMPO**:

*Nós somos as histórias que nos contam*

Desde o início do período histórico agrário, as eras da História são marcadas pela “explícita desvalorização da terra e do corpo — mais especificamente, o corpo da mulher, junto com formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino; esses dualismos hierárquicos se baseiam em pré-conceitos (in)fundados na diferenciação sexual, sendo que masculino e feminino, masculinidade e feminilidade muitas vezes nada têm a ver com o fato de ser um homem ou uma mulher. No entanto, esses pré-conceitos tornaram-se núcleo das tradições filosóficas e científicas, e as imagens positivas e negativas que acompanham nossas palavras e conceitos de masculino e feminino, são fortes e acumularam milênios de uso (...) as imagens associadas tornaram-se uma parte de nossa maneira de pensar, julgamentos de valor sexistas são inerentes às próprias palavras que usamos. (WILSHIRE, 1997, p.104)

Tanto que Susana Bornéo Funck (2014) coloca que o grande desafio dos feminismos contemporâneos é a palavra. É a prática discursiva, são as linguagens verbal,

visual e formal, que nascem da semente patriarcal forçadamente implantada ao longo da história. A invenção da tradição — um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição. Se há um evento histórico que foi definitivo para a implantação do patriarcado, foi a Caça às Bruxas.

A Caça às Bruxas começa no século XIV e vai até o século XVIII. O *Malleus Maleficarum* é um manual de caça às bruxas escrito por dois inquisidores, que esteve em todas as bancas da Europa por três séculos, e segundo Rose Marie Muraro (2000), “é nesse livro que fica testemunhada de maneira inequívoca a satanização da sexualidade, base da misoginia da cultura ocidental”.

Logo nas primeiras frases, o inquisidor diz, em resumo: “(...) Satanás que é um espírito imundo, só pode chegar no homem: pelo corpo, e principalmente pelos órgãos sexuais, porque os órgãos sexuais são o lugar da mulher. A mulher é cúmplice de Satanás, porque ela cometeu o pecado original.” Os inquisidores citam principalmente

aquelas mulheres “que têm o imundo orgasmo”, porque “uma mulher só pode ter o orgasmo [que é uma coisa proibida por Deus] se ela copulou com Satanás”. “Mesmo que ela tenha tido um único homem”, continua o inquisidor, “você podem ver uma fumacinha preta que é Satanás ensinando a mulher a ter orgasmo” (...) Então, logicamente, essas mulheres são bruxas e por isso devem ser mortas, mas para tanto, elas precisam não só serem orgásticas, como também serem revoltadas contra o homem. Isto é, capazes de produzir sua própria subsistência. Esta é a definição de bruxa: mulher orgástica e independente.” (op. cit., p.39).

85% das pessoas que foram queimadas nas fogueiras foram mulheres. E assim, pela repetição da violência, são eliminadas as mulheres fortes, orgásticas e independentes e é criada a figura da dona-de-casa, da mulher santa, da mãe dedicada. Nasce a infância como categoria separada da idade adulta, começa a se formar a família nuclear como é constituída hoje; e assim se formam as nações no alvorecer da Revolução Industrial.

Essa ideia da diferença sexual, que se dá “sem considerar fatores culturais, sociais e econômicos, (...) [gera] uma extrema polarização entre os dois sexos” (FUNCK, 2014), ou seja: o homem, o masculino, está no topo da pirâmide; a mulher, o feminino, está abaixo; o masculino é a racionalidade, a mente, a luz, o positivo, é independente, dominador; o feminino é o sentimento e a intuição, o corpo, a escuridão, o negativo, é dependente e deve ser dominado. Reconhecer e desestabilizar as representações de gênero e de compartimentação hierárquica das diferenças dos princípios feminino e masculino são o desafio dos feminismos.

E aqui evidencia-se o grande desafio do design feminista: re-visar esse sistema de pensamento, o sistema de símbolos e associações; re-imaginar os sistemas de produção (processo de materialização) e o sistema de artefatos resultantes (enquanto forma e estrutura), re-tecendo o sistema de relações entre as pessoas e entre as pessoas e os objetos; as interações humanas e culturais.



## 4. Expandir

Fase de explorar as possibilidades de tradução das ideias filosóficas, geralmente expressa por palavras, através de ilustrações e diagramas que transmitam a mesma informação por meio de metáforas pictóricas e geométricas.

### **Escala do olhar: “visão geral e detalhe, foco e contexto”**

Podemos lançar um olhar que foque no detalhe, ou que tenha um foco amplo da visão geral da rede ou sistema em questão.



Uma **visão macro** do sistema revela o padrão formado pela rede; não é um entendimento detalhado das partes individuais, mas um olhar ampliado que identifica aglomerações, grupos isolados e o relevo (topologia) resultante da estrutura do sistema. A visão macro é fundamentalmente sintética, ou seja, busca uma compreensão global do sistema com um olhar.

A **visão das relações**, ou seja, da conectividade do sistema, é a busca pelos tipos de relações que são estabelecidas entre as partes mapeadas (cada nóculo da rede), revelando proximidades entre os nóculos e tipo e intensidade de associação. É uma análise que requer diferentes perspectivas e pontos de vista para um entendimento mais profundo das diferentes topologias.

A olhar sobre as relações de é fundamentalmente analítica, para dismantelar o sistema e descobrir as interconexões entre as partes.

Uma **visão micro** do sistema foca nos nóculos ou partes individuais do sistema e busca pelos atributos qualitativos das partes, suas informações detalhadas, fatos e características de cada entidade particular. Essa exposição qualitativa clareia as razões por trás da conectividade realizada por cada parte.

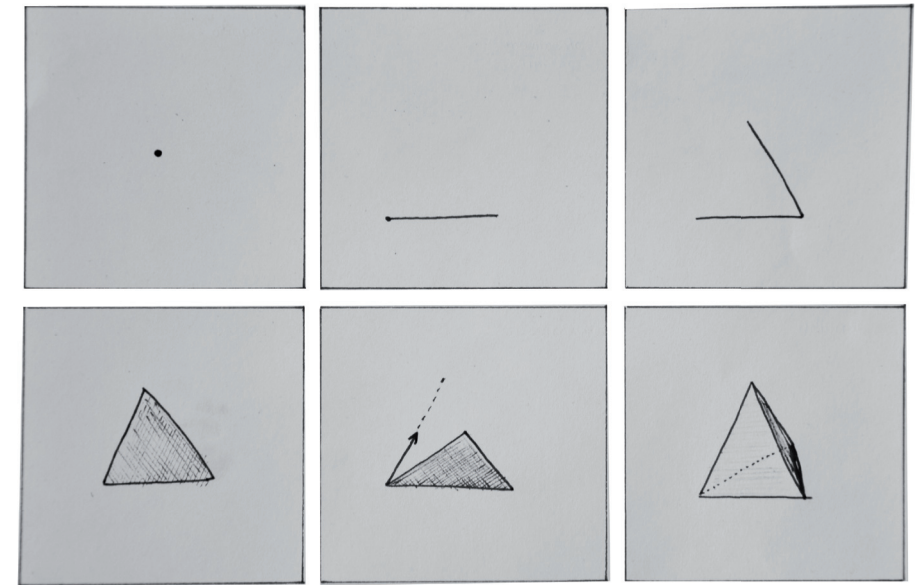


Figura 18  
Patriarcado: nascimento, movimento, crescimento, construção da *unidade*

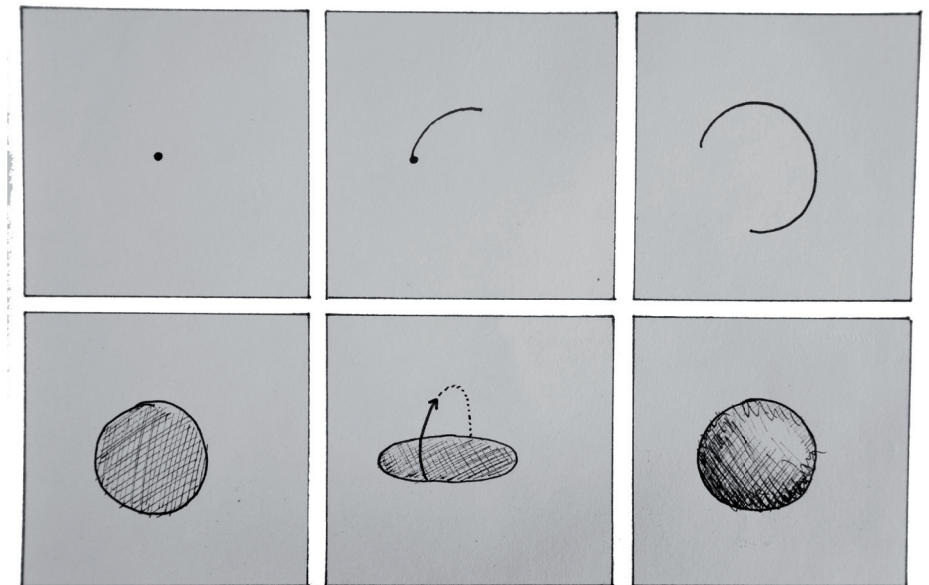


Figura 19  
Matriarcado: nascimento, movimento, crescimento, construção da *unidade*



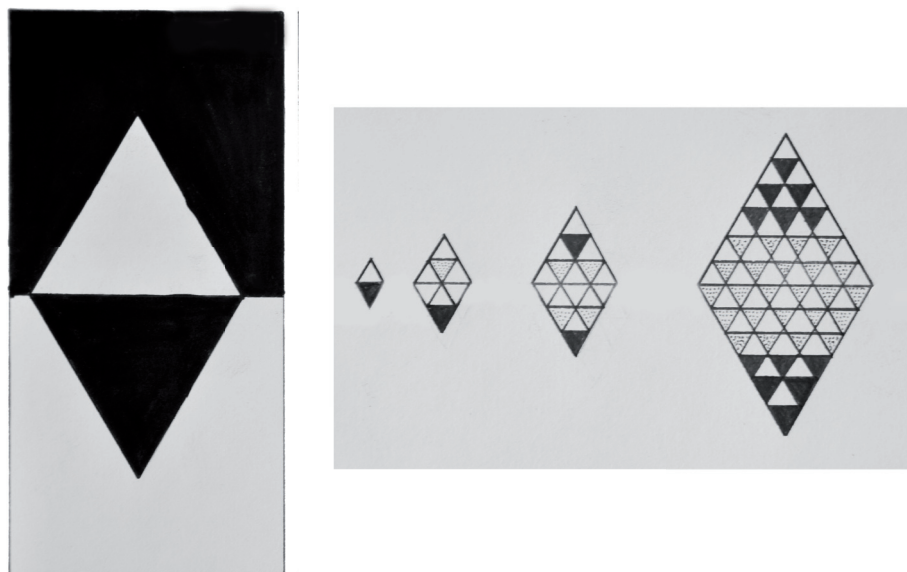


Figura 20  
Patriarcado: concepção da dualidade

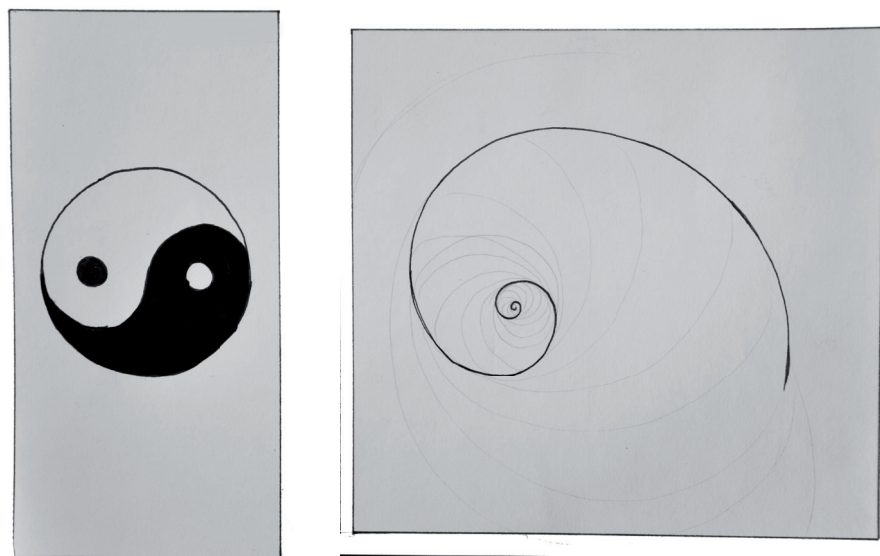


Figura 21  
Matriarcado: concepção da dualidade

## 5. Abstrair

Fase que começou a brotar na primeira fase de documentação, e cuja motivação foi de desapegar do racional e da objetividade para buscar representações subjetivas, metafóricas, sutis e abstratas que transmitam a diferença entre os paradigmas feminista e patriarcal, suas bases que propiciam suas formas particulares de desenvolvimento e seus resultados, desfechos e possibilidades.

Essa fase se caracterizou por um constante *handstorm*, iniciado com desenvolvimento de sketches e desenhos que compõem as fases anteriores e que evoluiu para uma terceira dimensão no papel, explorando técnicas como origami arquitetônico aliado a estudos de geometria sagrada.

O grande desafio foi encontrado na representação do sistema feminista, uma vez que se caracteriza por ser dinâmico, mutável e relativo, qualquer tentativa de determiná-lo em uma representação fixa é falha e não o comporta.

A solução encontrada para expressar a fluidez e relatividade da epistemologia feminista foi através da experimentação com as cores.

As cores são um fenômeno complexo, e se apresentam como uma ferramenta poderosa para transmitir ideias, emoções e atmosferas; que oferecem infinitas possibilidades de ser, uma vez que nenhuma cor é absoluta, mas se transforma dependendo das outras cores ao seu redor. As cores nos permitem explorar a *poética da relatividade*, suas propriedades e efeitos combinatórios são metáforas para a liberdade de pensamento.

### O Suporte: Livro-objeto

O Livro-objeto surgiu como possibilidade de suporte para o projeto, uma vez que é um tipo de artefato que por ser essencialmente artesanal permite explorar e extrapolar as possibilidades de construção da estrutura e de composição de suas formas. Os conceitos de livro-objeto são mais profundamente discutidos na Parte II do projeto.

Foram realizadas experimentações em estruturas de papéis, formas, materiais, e desenvolvido um *storyboard* organizando texto e imagens / formas / estruturas.

**Para além de uma interpretação por meio da decodificação, por uma interpretação por meio da interação.**

## O Livro-Objeto

O Livro-Objeto é um tipo muito particular de artefato, pois construído a partir de um suporte conhecido, o livro, ele extrapola sua concepção e cria possibilidades, instigando a imaginação, criatividade e linguagens – textual, visual, tátil, sonora, olfativa. Convida à manipulações experimental, cria ações e relações uma vez que se completa através a interação da leitora, que é agente, que transforma e dá vida à obra. O livro-objeto tem funções práticas e mágicas.

*“Como novo tipo de chamamento, estimula e apela para novas leituras, entendimentos, hipóteses, de sentido. Por isso mesmo, desperta funções inimagináveis no livro.”*

*“As materialidades da obra, por exemplo, vão coincidir com pensamentos e resistências. Indicando o que o livro é e não é, como vontade, escolha, associação, decisão e prática.”*

*“As formas funcionarão como meio de projeção do livro, abordagem, sugestão de conteúdo. Serão campo extra de força para intervenção artística. Podem representar, o furo por onde tudo nos chega, atrai, mobiliza, se revela e se explica.”*

(PAIVA, 2010, p.95-96)

É um produto que tensiona a trama entre arte e design, pelos nódulos que conectam estrutura e forma; fabricar e informar; obra de arte e produto; função e uso. Enquanto produto de design, o Livro-objeto introduz uma ordem, materializando um sistema de relações entre diversos níveis; dá forma à matéria segundo um conjunto de ideias, se tratando da oposição complementar entre conteúdo e continente (Flusser, p.26). Já enquanto uma obra de arte é muito mais do que “um objeto baseado em relações evidentes, a ser desfrutado como belo, mas um mistério a investigar, uma missão a cumprir, um estímulo à vivacidade da imaginação.” (ECO, 2012, p.45).



Figuras  
Livros-objeto de Gabriela Irigoyen,  
da exposição *Lovely Books*







Figura 20  
Primeiras páginas do livro da epistemologia patriarcal

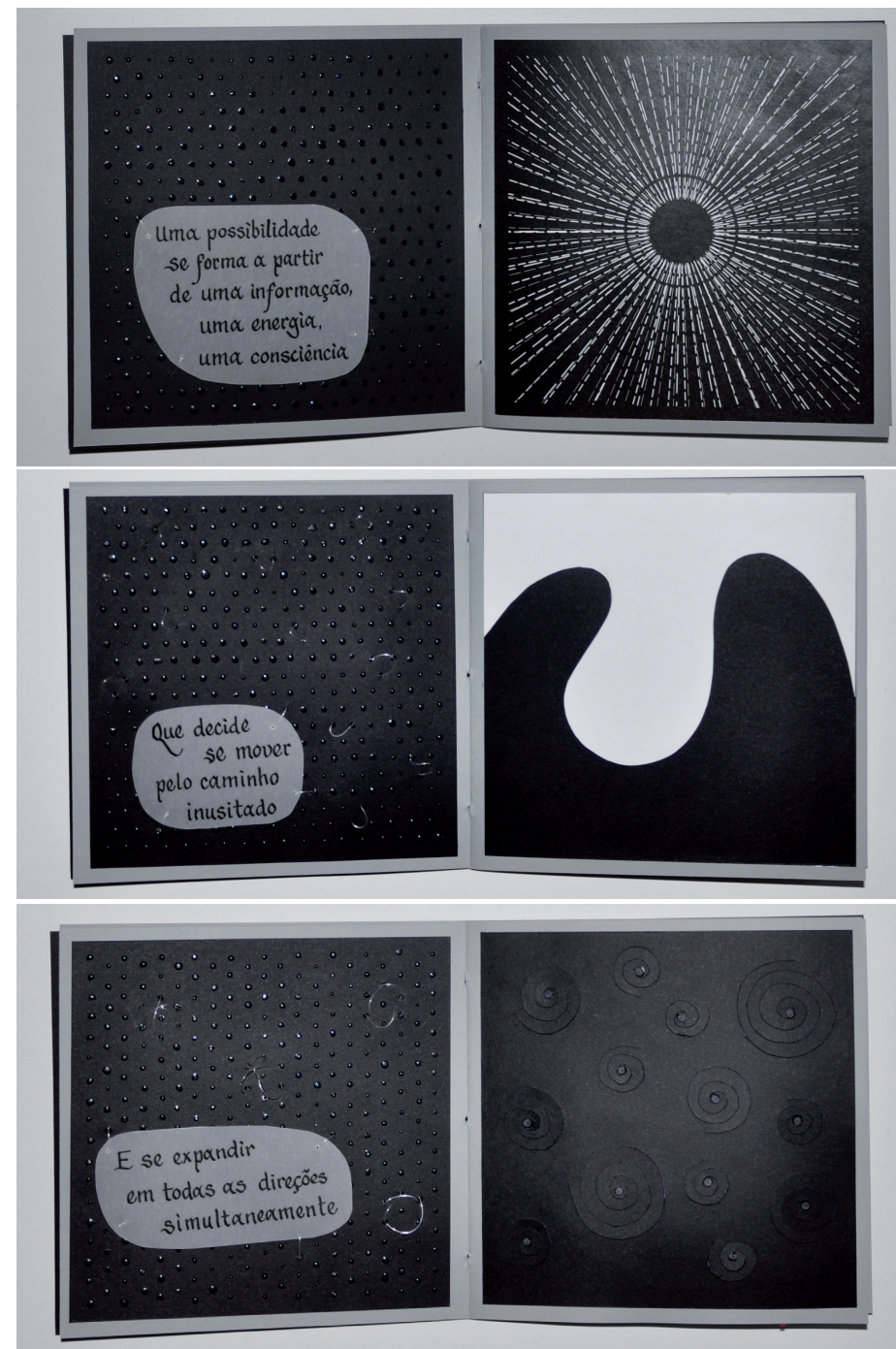
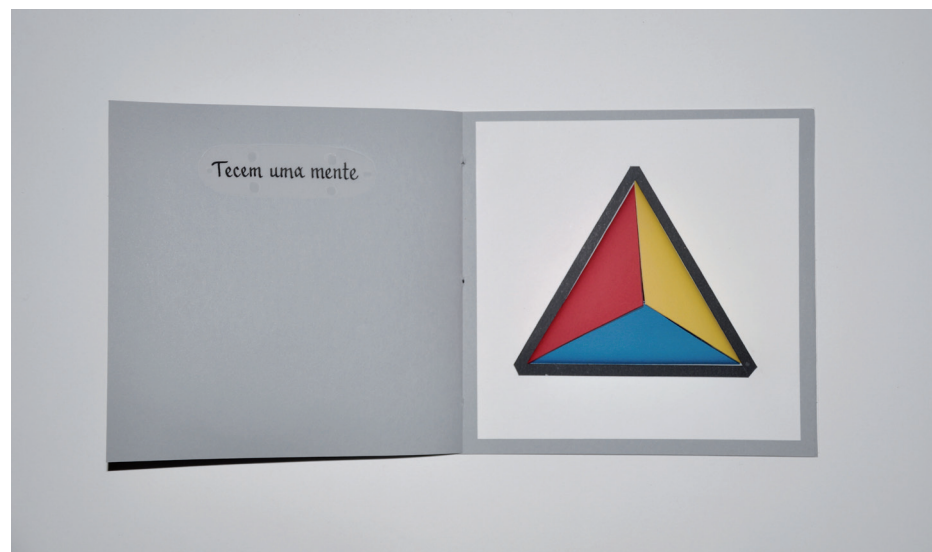
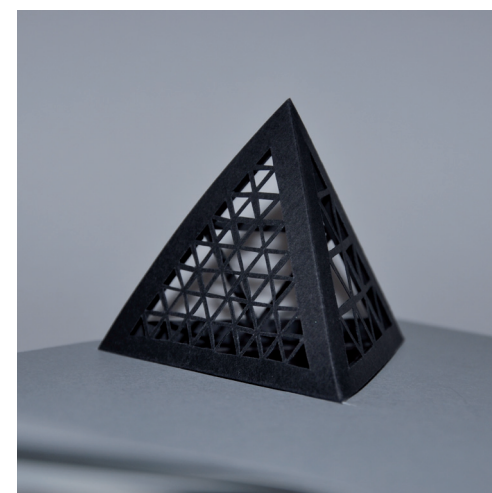
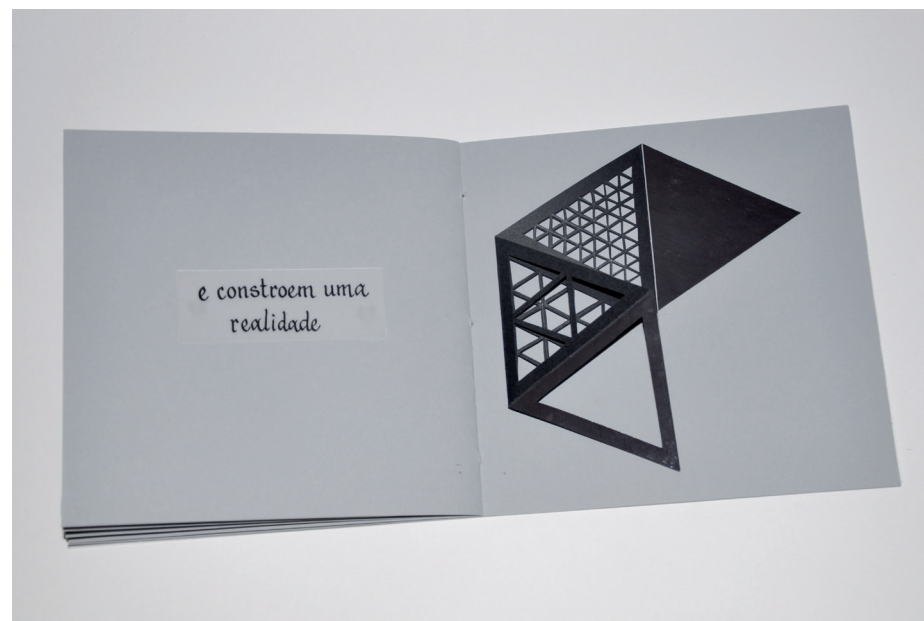


Figura 20  
Primeiras páginas do livro da epistemologia matriarcal





Figuras 20  
continuação das páginas patriarcais: a estrutura de  
pensamento resultante



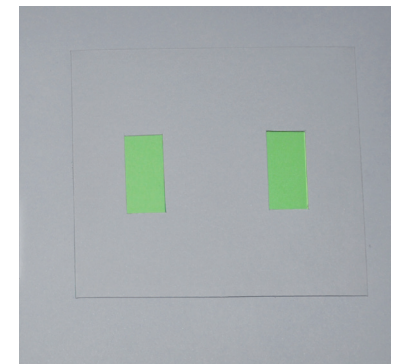
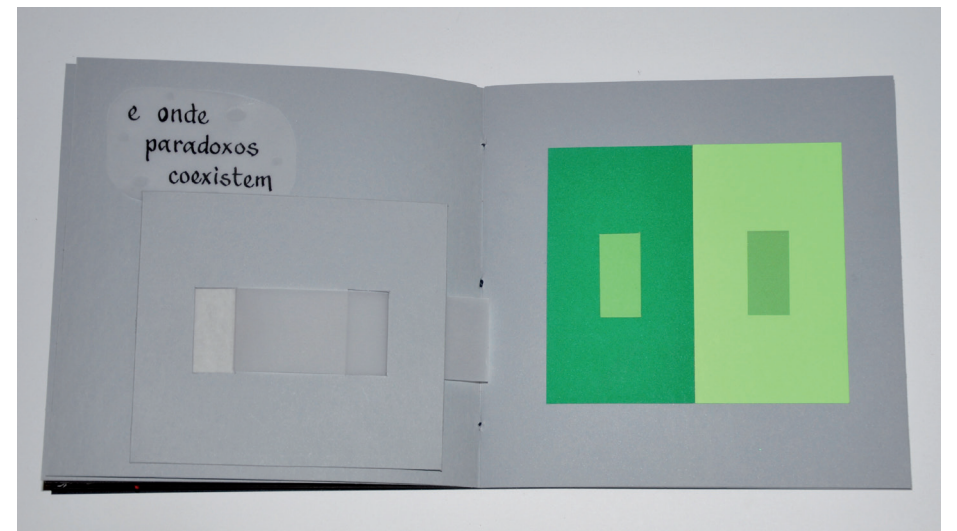


Figuras 20  
continuação das páginas matriarcais: a estrutura de  
pensamento resultante



Figuras 20  
diferença X diversidade





## Parte II

### DIÁRIO LUNAR

Uma ferramenta para empoderar as  
mulheres e o feminino

Professora Doutora *Mãe*–Orientadora  
Symone Rodrigues Jardim



Ariadne Hamamoto, 2016  
menstruação sobre papel

## *Pergunta / Problema*

Vivemos uma cultura que desvaloriza e invisibiliza o feminino em todas as suas manifestações; que silencia as mulheres, que considera o corpo impuro, que tenta controlar os ciclos. Então,

***Como as mulheres vivem a menstruação hoje?***

## *Questão motivadora*

Em outubro de 2014 eu participei do *workshop* “Meu ciclo, minhas fases e a Lua”, facilitado pela artista plástica Julia Larotonda, desde então comecei a me conectar com meu ciclo menstrual mais profundamente e passei a registrá-lo em um diagrama lunar, uma página circular com a divisão dos dias onde anotam-se observações sobre as mudanças físicas, emocionais e mentais durante o ciclo menstrual junto com o ciclo da Lua.

Então foi definido que o produto a ser projetado seria uma **ferramenta que permita uma conexão positiva e saudável entre as mulheres e seus ciclos menstruais, gerando auto-conhecimento, empoderamento e autonomia sobre sua criatividade, fertilidade e sexualidade.**



## Questionário

Buscando uma melhor compreensão da realidade que as mulheres vivem em relação ao ciclo menstrual, foi elaborado um questionário online na plataforma Typeform, que convida as mulheres a compartilhar sua experiência da menarca, sua relação com a menstruação e a fase pré-menstrual, com a higiene menstrual, saúde sexual etc.

Composto por 21 perguntas, objetivas (de múltipla escolha e escala) e subjetivas, (mais uma para deixar o contato se tiver interesse nos resultados), foram coletadas 934 respostas, no período de 4 de novembro de 2015 a 10 de maio de 2016.

O questionário foi divulgado pela rede social Facebook, no perfil pessoal da pesquisadora e em grupos femininos e feministas. De partida já evidencia-se um recorte de pessoas com acesso à tecnologia e informação.

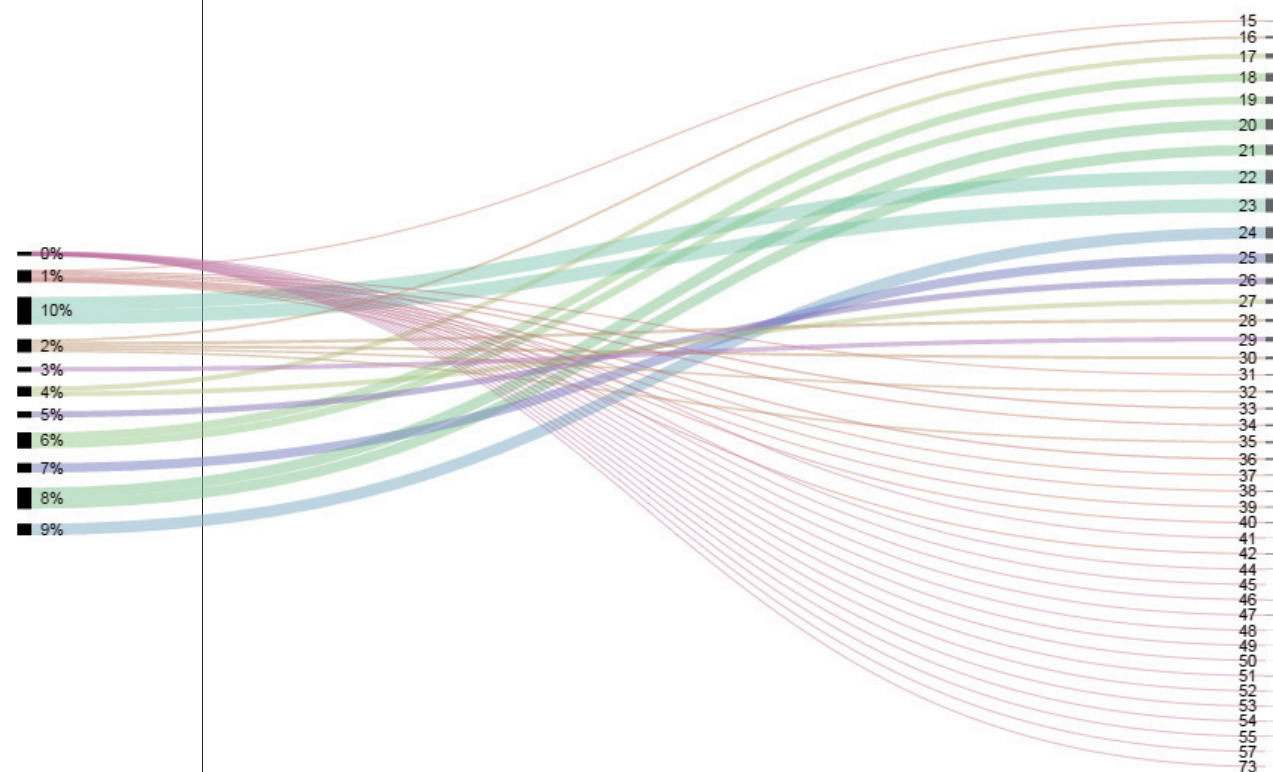
total de acessos ao questionário	1599
respostas obtidas	934
tempo médio para responder	17"05'
acessado por meio de	50% PCs e Laptop
	49% Smartphone
	1% Tablet

Intenção / Esfera	#	Pergunta	Formato
Pessoal	1	Quantos anos você tem?	aberta
	2	Onde você vive?	aberta
Social	3	Você diria que seu nível de LIBERDADE para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:	escala de 0 a 10
	4	Você diria que seu nível de SEGURANÇA para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:	escala de 0 a 10
	5	Você diria que seu nível de AUTOCONFIANÇA para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:	escala de 0 a 10
	6	Pensando nos privilégios que tem na vida, diria que é:	escala de 0 a 5 (nada privilegiada – muito privilegiada)
	7	Gostaria de explicar suas respostas anteriores?	aberta, opcional
Menarca	8	Quando você era menina, a sua mãe, avó, tia, ou alguma mulher próxima conversou com você sobre menstruação? Te explicou o que é, te contou histórias e/ou experiências?	aberta
	9	Como é a lembrança da sua primeira menstruação?	escala de 0 a 10 (terrível – indiferente – maravilhosa)
	10	Gostaria de contar como foi a sua primeira menstruação?	aberta, opcional
Menstruação	11	Pra você, a menstruação é uma experiência:	escala de 0 a 10 (terrível – indiferente – maravilhosa)
	12	Durante a menstruação, você usa:	múltipla escolha
	13	Escreva aqui palavras que vem a sua mente ao pensar em "menstruação"	aberta
Fertilidade	14	Você percebe o período do mês em que está fértil?	múltipla escolha
Saúde sexual	15	Você usa qual/quais métodos contraceptivos e/ou proteção contra DSTs?	múltipla escolha
	16	Qual o nível de confiança nos métodos que você usa?	escala de 0 a 10 (nenhuma – média – total)
TPM	17	Como é a sua relação com a sua TPM?	escala de 0 a 10 (terrível – indiferente – maravilhosa)
	18	Pra você, a TPM é um momento de:	aberta
Registro do ciclo	19	Você faz algum registro e/ou controle do seu ciclo menstrual? Como você faz?	múltipla escolha
Outras	20	Há algum detalhe não mencionado nas perguntas que você gostaria de falar sobre?	aberta, opcional
	21	Se quiser fazer algum comentário, crítica ou sugestão aproveite esse espaço	aberta, opcional
	22	Se quiser saber mais sobre o projeto e ficar sabendo do seu resultado, deixe seu e-mail aqui	aberta, opcional

## Análise dos resultados do questionário

1. Quantos anos você tem?

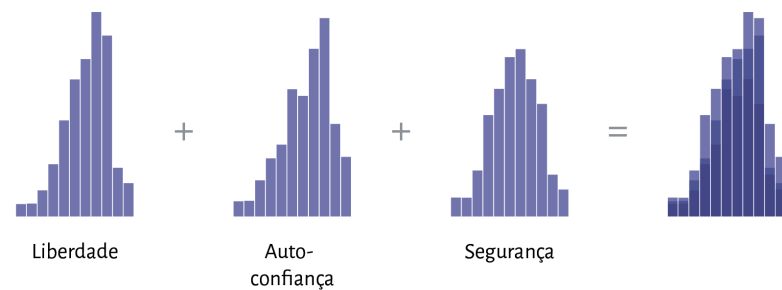
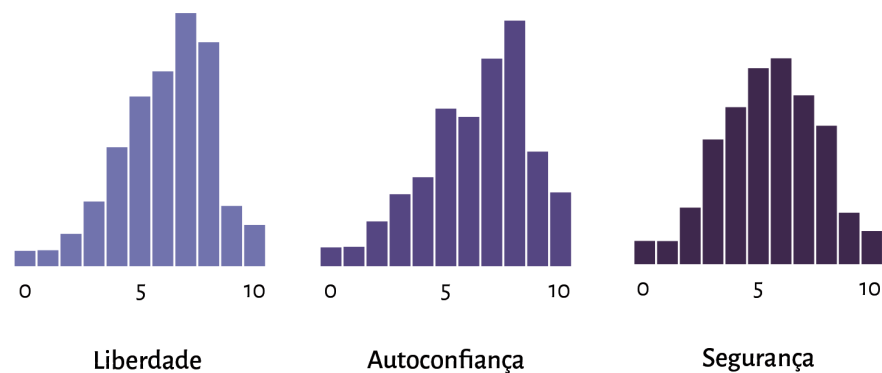
Foram obtidas respostas de mulheres entre **15 e 73 anos**, sendo que a maior parte da amostra concentra-se entre **18 e 25 anos**.



3. Você diria que seu nível de LIBERDADE para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:

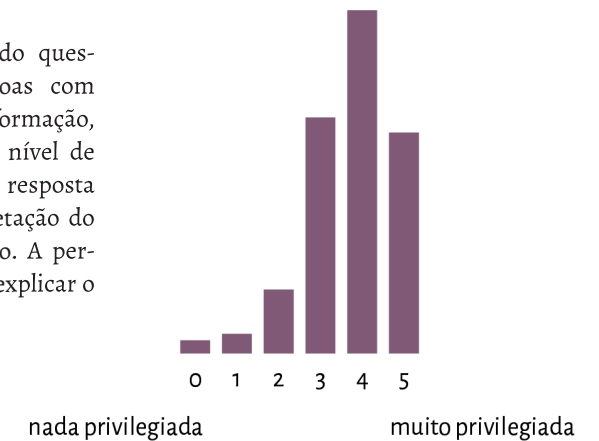
4. Você diria que seu nível de AUTOCONFIANÇA para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:

5. Você diria que seu nível de SEGURANÇA para viver o dia-a-dia sendo você mesma é:



6. Pensando nos privilégios que você tem na vida, diria que é:

Dado o veículo de divulgação do questionário, foram atingidas pessoas com mais acesso à tecnologia e informação, como bem mostra o gráfico do nível de privilégios. Apesar de ter uma resposta objetiva, em números, a interpretação do que é ser privilegiada é subjetivo. A pergunta seguinte abre espaço para explicar o porquê das respostas:



7. Gostaria de explicar suas respostas anteriores?

*"Por mais que sinta medo de andar na rua, de assédios físicos e mentais, não consigo imaginar a opressão e o medo diário de pessoas que se encontram em situações bem mais difíceis que a minha. Por respeito a elas, coloco notas mais altas."*

*"Não tenho privilégios se ainda estamos lutando por igualdade."*

*"Digo que meu nível de privilégio é 5 pois, apesar de muitas vezes ter medo da sociedade machista, acredito que seja um privilégio ser mulher."*

*"Apesar de ser branca, sou pobre, estudante, bissexual e gênero fluido."*

*"Sou mulher, negra, 'cheia de carne' e moro na periferia."*

8. Quando você era menina, a sua mãe, avó, tia, ou alguma mulher próxima conversou com você sobre menstruação? Te explicou o que é, te contou histórias e/ou experiências?

Enquanto pergunta subjetiva, todas as respostas foram analisadas e processadas, e as respostas foram sintetizadas pelas palavras-chave “não”, “sim” e “pouco”.

Algumas respostas na íntegra:

*“Não, minha mãe apenas me falou que era uma época onde a mulher fica safada.”*

*“Minha mãe disse ‘cuidado que agora você pode engravidar’. Eu tinha 12 anos.”*

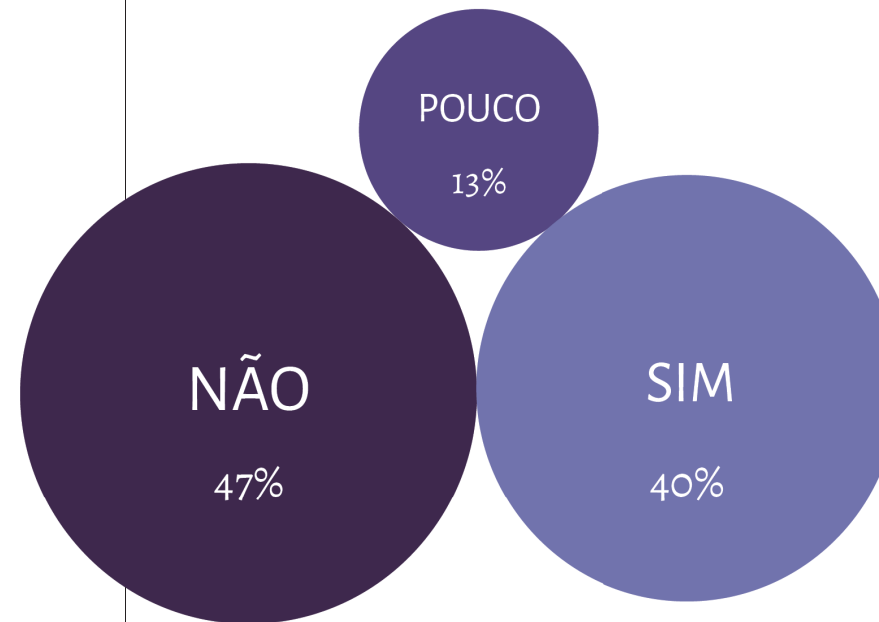
*“... foi uma explicação muito científica, não foi suficiente pra me preparar pra tudo isso.”*

*“Sim, minha mãe me contou que minha vó não a instruiu sobre a menstruação e sexo. Ao dar o primeiro beijo, minha mãe contou que teve medo de engravidar. Ao menstruar pela primeira vez, acho que estava doente.”*

*“Foi horrível. Apesar de ter nível superior, minha mãe insistia na história patética do ‘castigo de Eva’.”*

*“Não. Só me assustaram sobre. Achei que eu fosse engravidar automaticamente, e tinha virado mulher de uma hora pra outra. Foi um dos dias mais difíceis da minha vida, não conseguia falar para ninguém o que tinha acontecido...”*

*“Menarca se relacionou com a possibilidade miraculosa de poder finalmente fazer escova definitiva para alisar meu cabelo cacheado.”*



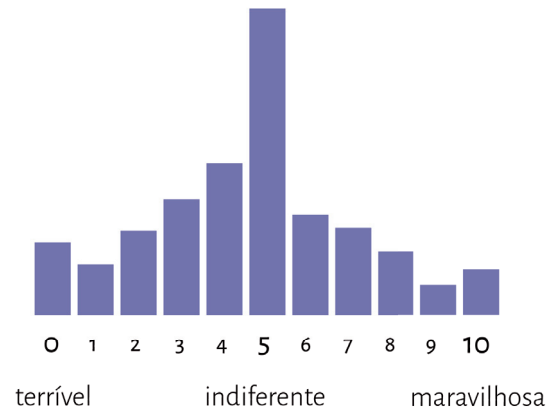
*“Ninguém conversou comigo. Minha mãe foi saber que eu menstruava seis meses depois de ter começado. E mesmo assim, não falou quase nada.”*

*“Na minha casa minha mãe nunca escondeu a menstruação de mim e das minhas irmãs, trocava o absorvente na nossa frente, por exemplo, porém sempre associou o sangue a algo sujo e que tem que ser escondido, como por exemplo embrulhar o papel higiênico em mais papel para que o sangue não apareça. Quando menstruei a única informação que tive era que agora era mocinha e que tinha que me cuidar, ‘me preservar’, e que podia engravidar. Mas na época não entendi o que isso significava já que menstruei com apenas nove anos.”*

*“Sim, minha mãe. Ela sempre me alertou sobre o momento em que a menarca viria. Mas, hoje sou capaz de perceber que ela, por ignorância do assunto, me passou muito preconceito que é imposto socialmente em torno da menstruação. Por exemplo, sentir nojo e o pesar de ser mulher nesse período. Para mim era um rito de passagem doloroso.”*

*“Minha mãe disse que eu teria que aguentar esse fardo até a menopausa e nada mais.”*

## 9. Como é a lembrança da sua primeira menstruação?



## 10. Gostaria de contar como foi sua primeira menstruação?

*“Foi esse misto de felicidade e tristeza/insegurança. Felicidade por estar crescendo. Insegurança por ter que lidar com novos medos: de engravidar, de sentir dor, de usar absorvente e não manchar a roupa e passar vergonha (!!!), ou um simples impedimento de usar uma piscina, medo de que algum menino soubesse e fizesse bullying.”*

*“Minha primeira menstruação foi um evento bem traumático, meu pai quem lidou com tudo, me deixando no chuveiro por três horas até minha mãe chegar do trabalho.”*

*“Vi que minha calcinha estava manchada, eu estava sentindo coisas estranhas. Daí chamei minha mãe, que entrou em desespero e só me mostrou como usar o absorvente, sem explicar o que estava acontecendo. Depois me deu remédios pra dor, que faziam milagre, já que senti repulsa daquilo tudo. Foi isso.”*

*“Foi em casa, fui ao banheiro e saiu tudo vermelho. Aí teve uma breve celebração em casa e fiquei com aquele nó na cabeça e no corpo, tentando entender.”*

*“Achei que estava morrendo de alguma doença grave.”*

*“Comecei a sangrar de manhã. Não sabia o que era. Minha mãe começou a me bater, me deu uma ‘toalhinha’ e disse: coloca isso. Foi horrível.”*

*“Sangrei, fiquei com vergonha de contar pra minha mãe. Usava papel higiênico ao invés de absorvente. Um dia ela descobriu e me deu absorventes. Nunca conversamos sobre isso.”*

*“Eu sabia que quando beijasse de língua a primeira vez eu iria menstruar. E foi o que aconteceu, fiz uma viagem pra Caldas Novas e beijei um menino. No carro, voltando pra Brasília, menstruei. A primeira pessoa a saber foi a moça que trabalhava na minha casa, ela perguntou se eu sabia como colocar um absorvente e eu disse que sim (mas não sabia), coleí a parte adesiva na minha vagina e só depois de algumas menstruações percebi que estava fazendo errado.”*

*“Foi uma história um pouco dramática na verdade. Na época da minha primeira menstruação eu tive meu primeiro namoradinho e eu não entendia muito bem a relação entre menstruação, gravidez e pintos. Só me lembro que numa dessas vezes que fiquei com esse menino senti o pinto dele no meu corpo (por cima da calça, claro) e tive certeza absoluta que estava grávida quando veio minha primeira menstruação, que no final das contas era aquela meleca marrom pegajosa. Depois acabei conversando com minha amiga mais velha que me explicou um pouco melhor como funcionavam as coisas.”*

*“Eu sabia o que era, mas minha menarca foi marrom e com o sangue extremamente denso então eu achava que estava com problemas de evacuação. Sangrei três dias sem saber até minha mãe brigar comigo pela roupa suja depois de me explicar o que estava acontecendo. Tirando o embaraço foi até bem cômico.”*

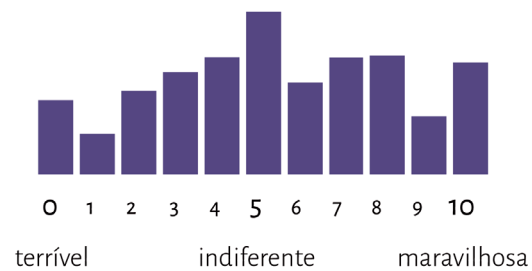
*“Eu vi que tinha sangue na calcinha e fui chorando contar pra minha mãe que eu tinha me machucado, mas não sabia como e eu achava que tava machucada por dentro. Ela falou pra eu não me preocupar e mandou eu ir conversar com minha irmã mais velha que me explicou que aquilo ia acontecer todo mês e que eu tinha que usar o negócio que ela tava me dando, um absorvente.”*

*“Foi legal, porque eu já tinha quinze anos e todas as minhas amigas já tinham menstruado e eu me preocupava um pouco com isso, de achar que eu nunca ia menstruar, era uma coisa pela qual eu ficava ansiosa pra acontecer logo. E também na minha lógica de maluca eu finalmente poderia me masturbar sem causar um grande distúrbio hormonal em mim — já que agora eu estaria fisicamente ‘pronta para fazer sexo’ ou gerar uma criança ou ser mulher.”*

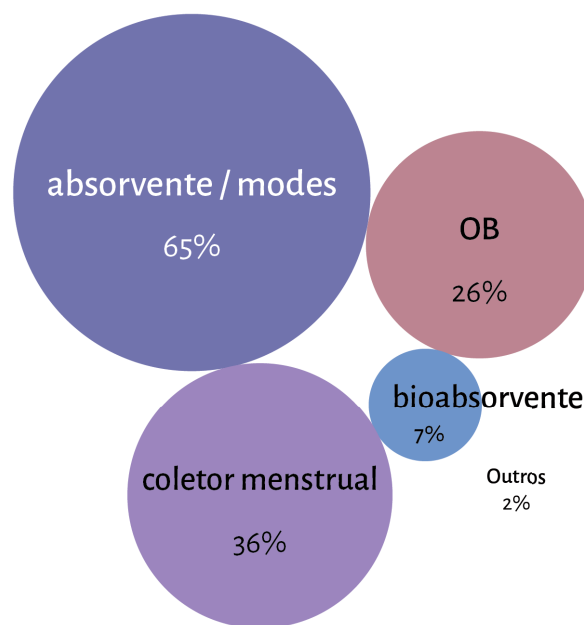
*“Eu vi uma ‘borra’ de café na calcinha e contei para minha irmã e mãe, que contou pra família inteira que eu fiquei ‘mocinha’. Sempre fui muito espetivada, serelepe, e no primeiro dia da menstruação eu virei uma lady. Os amigos da minha irmã mais velha não paravam de me elogiar, porque eu estava quietinha, sem falar muito, sendo boa ouvinte. Mas eles não sabiam o porquê.”*

*“Minhas irmãs e minha mãe sempre reclamavam da menstruação, então desde a primeira vez ela foi ruim pra mim, sempre me senti inferior por ter que passar por aquilo.”*

11. Pra você, a menstruação é uma experiência



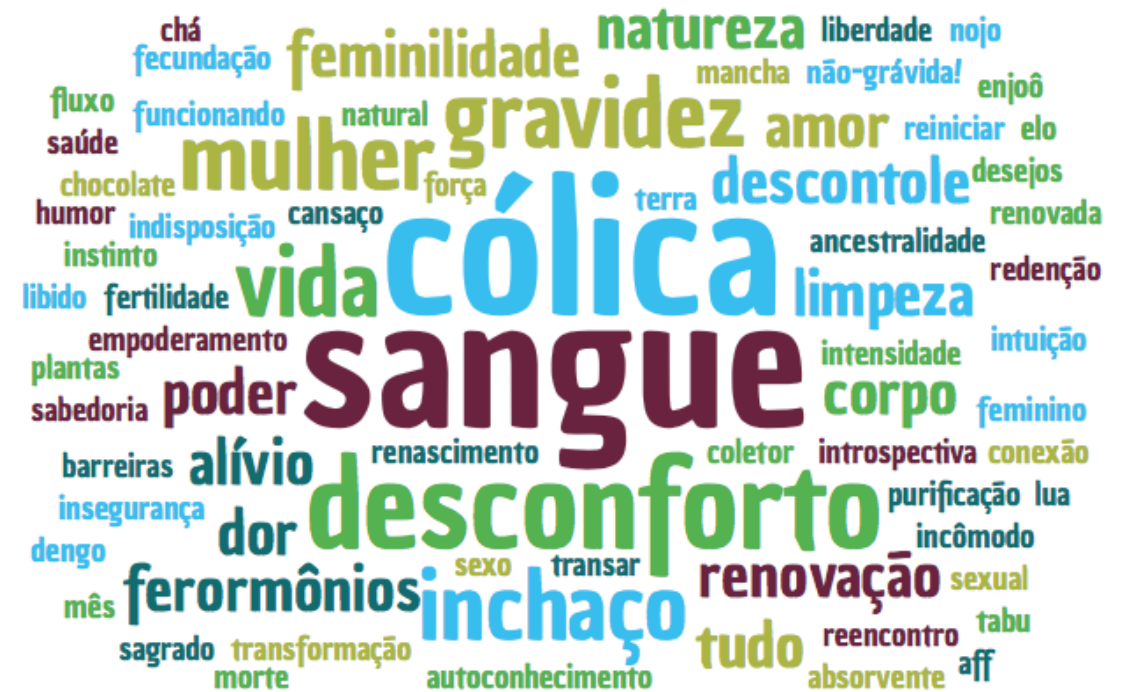
12. Durante a sua menstruação, você usa:



As que marcaram outros, responderam que usam: “papel higiênico enrolado”, “nada, só lavo a calcinha”, “nada, uso saia longa e deixo escorrer”.

13. Escreva aqui palavras que vêm à sua mente ao pensar em menstruação

4760 palavras foram coletadas e gerou-se uma nuvem de palavras:



Evidenciam-se algumas outras palavras ou expressões:

*"depois do copinho, pura diversão!"*

*“nojo, animalesco, selvageria, abstinência de sexo, ódio, inferioridade”*

*“eliminação de um ciclo antigo que não se adapta mais ao corpo”*

*“incômodo, não gosto, pra quê?”*

*“desperdício de óvulos, ovo, deveria ser feriado”*

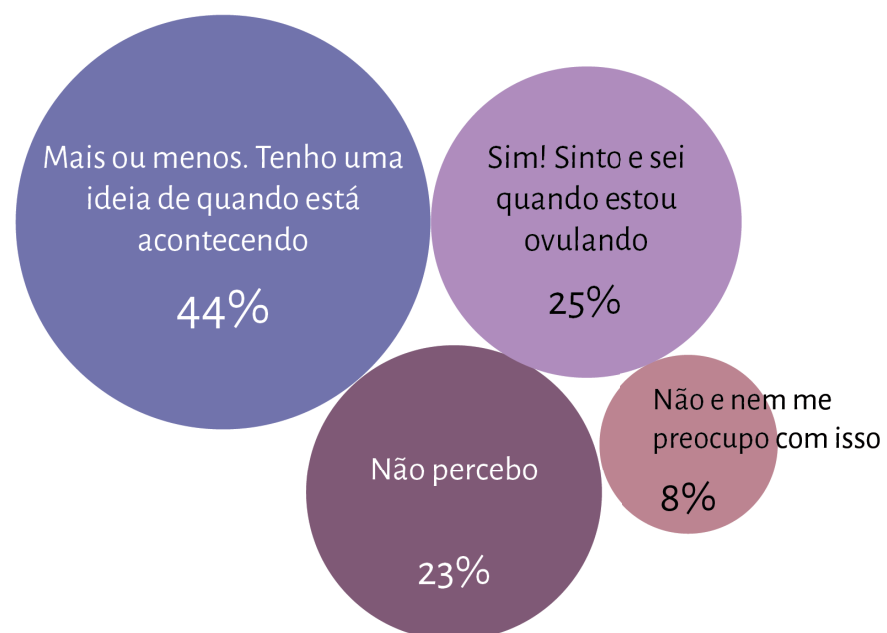
“não-sou-uma-máquina”

*"dias de transar fazendo sujeira!"*

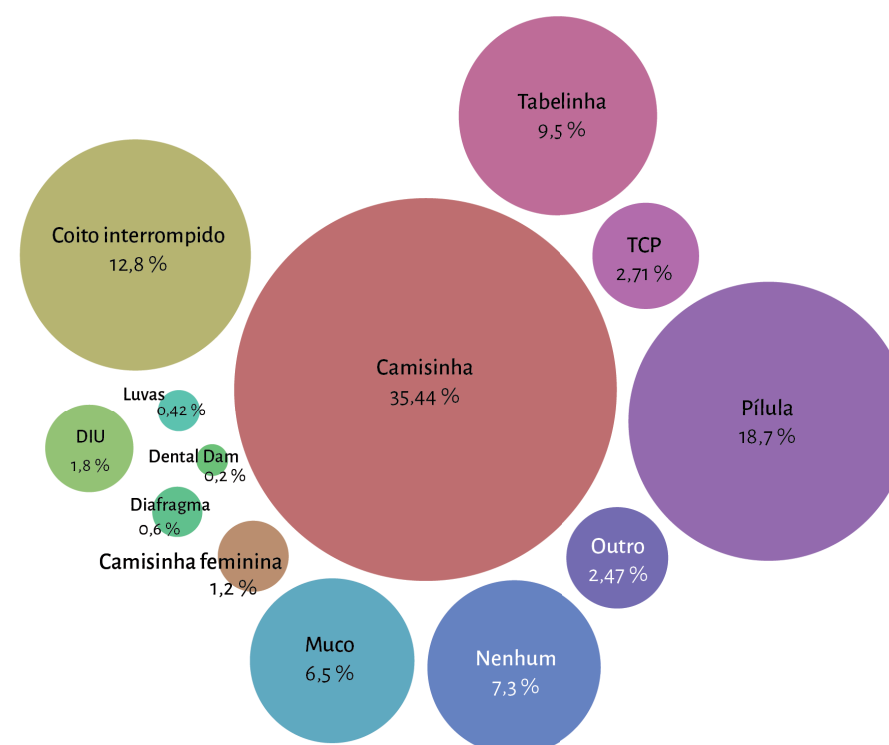
*“não transar”*

*“desconforto, dor, sofrimento, castigo, punição, misoginia divina”*

14. Você percebe o período do mês em que está fértil?

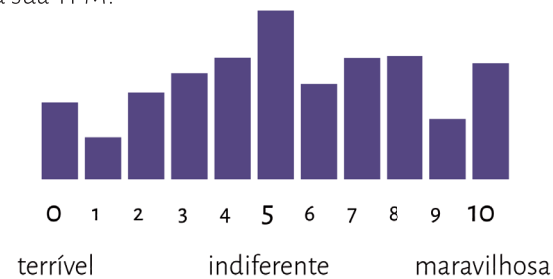


15. Você usa qual/ quais métodos contraceptivos e/ou proteção contra DSTs?





17. Como é sua relação com a sua TPM?



18. Pra você, a TPM é um momento de:

*"dar ouvidos a minhas frustrações e necessidade de espaço. perceber que a agressividade e a dor são fruto da minha auto-censura"*

*"levar uns tapa na cara e dar de volta"*

*"prestar atenção no que meu corpo e minha mente estão sentindo e precisando. Evito tomar decisões nesse período, mas normalmente registro as minhas inquietações para rever quando as nuances de humor se equilibram"*

*"acredito que boa parte dos sentimentos de tpm sejam placebos. E desde que li sobre isso tive menos tpm. O que me levou a acreditar mais ainda nisso"*

*"Aflora e intensifica o que tentamos esconder de nós mesmas"*

*"exercitar meu domínio-próprio"*

*"ter uma arma na mão"*

*"Nem sei dizer. Eu não me sinto no controle e não sei direito o que acontece comigo."*

*"Pensar sobre o que está sendo emitido e recebido de energias"*

*"Prestar atenção nos sinais do meu corpo e amenizar aqueles dolorosos da forma mais natural possível. Tentar lidar com a avalanche emocional sem prejudicar as pessoas à minha volta",*

*"Deixar pra trás o que não é essencial, atenção aos detalhes, limpeza e organização, reestruturação."*

*"Analisar o que está fora de ordem."*

*"de colheita, de análise, de encarar a verdade, de impor limites"*

*"Auto-controle (principalmente se estiver tomando anticoncepcional na tentativa de "regular" o ciclo - aí meu Tempo Para Meditar se transforma em Tempo Para Matar)"*

*"Ficar com as garras de fora"*

*"Viver meu lado sombra"*

*"cuidar para não me irritar e atacar injustamente quem está a minha volta, mas também de perceber que coisas estão me irritando e precisam ser modificadas na minha vida, nas minhas relações, em mim etc... A limpeza começa aí..."*

*"perspectiva mais subjetiva do mundo"*

*"preparação para a chegada de uma amiga querida!"*

*"eu não me reconheço, falo coisas sem pensar, brigo com meio mundo por coisas idiotas, enfim, eu precisava de uma jaula!"*

*"Muita sensibilidade, quero chorar por tudo, então normalmente gosto de ficar sozinha com muito sorvete no freezer. Ou perto de alguém que não me faça perguntas, e sim cafunés."*

*"Acho que é onde a sociedade deu para a mulher o "direito" de ser histérica e justificando esse momento como se enfraquecesse as mulheres as tornando frágeis. Os transtornos hormonais existem nos homens também, mas eles não tem espaço para o descontrole, as mulheres são sempre descontroladas aos olhos da sociedade. E esse período é a confirmação de que elas não podem se controlar, conheci mulheres na França que acharam essa justificativa de estar de tpm para poder "dar xilique", enfim..."*

*"enlouquecer e resolver muitas coisas"*

*"Eu não percebo TPM a não ser quando fico muito mais sensível que o normal. Acho que nunca parei muito para refletir, mas poderia dizer que a TPM me faz ficar mais eu. As pessoas interpretam como se eu estivesse muito estressada ou chorando atoa, mas na verdade só estou demonstrando o que sinto porque na tpm não consigo não demonstrar. Geralmente acho isso ruim, mas tentarei curtir mais esses momentos não reprimidos."*

*"Quando posso, me permitir um tempo comigo mesma, sendo frágil e forte ao mesmo tempo, parece estranho mas faz sentido quando se é mulher."*

*"assassinar pessoas inocentes"*



20. Há algum detalhe que não foi mencionado nas perguntas e que você gostaria de falar sobre? Alguma vivência, história ou experiência?

*"Tenho alergia ao absorvente externo. O coletor ajuda bastante a diminuir alguns problemas durante o fluxo, mas às vezes vaza. O uso do anticoncepcional me deu mais liberdade para não precisar monitorar meu ciclo com tanta minúcia e preocupação. Uso anticoncepcional adesivo, pois sou incapaz de tomar o anticoncepcional na hora e dias certos, sempre esquecia! Toda a experiência da menstruação é negativa pra mim, principalmente pelos sintomas físicos e emocionais citados, que impactam diretamente nas minhas atividades e no meu desempenho. A vida não pára pra eu menstruar. A menstruação não pára pra eu viver."*

*"Eu só gosto de menstruar para confirmar que não engravidei."*

*"Acredito que o ritual de muitas tribos indígenas de se isolar com mulheres que também estão menstruadas, deveria se perpetuar pela nossa sociedade "moderna". Sempre que me conecto com mulheres me sinto mais compreendida ou as questões de impotência e baixa estima se resolvem ali, nas conversas e trocas."*

*"Talvez uma reflexão... A ideia de menstruar hoje, pra mim, é algo que me faz bem e gosto muito. Me sinto mais mulher e mais conectada com a natureza, seja por sonhos ou realmente com ela. Porém, isso foi uma ideia que demorou pra ser reconhecida. No início, achava difícil, pois tudo era estranho, não queria sangrar todo mês e nem ter que usar panos entre as pernas. Queria ficar deitada, sem roupas o dia todo, mas não era e nem é possível. Precisava e preciso de um tempo para contemplar esses dias. Me sinto perdida ainda."*

*"Reconectar-se com a menstruação é fundamental para curar o feminino. Eu acredito que muitos problemas de saúde seriam evitados se a gente tratasse os ciclos femininos com o devido respeito e cuidado, sem tabus ou mistérios."*

*"Estar menstruada pra mim é como estar muito mais aberta e sensível à tudo. É como se potencializasse todos os estímulos externos e os transformassem em entendimento dentro de mim — um entendimento que muitas vezes não é racional."*

*"O uso do coletor me fez quebrar alguns tabus, como: perceber a quantidade que menstruo (muito menos do que eu imaginava); perceber que não possui odor forte, como acho que fica quando uso absorvente (o que me fez achá-lo nojento); e a liberdade de entender que período menstrual não é bicho de sete cabeças, não tenho que me recolher nem deixar de dançar, praticar esportes ou fazer sexo. Menstruação é natural e não é nojento."*

*"Gosto de pegar os coágulos de sangue, tocar neles e ficar puxando."*

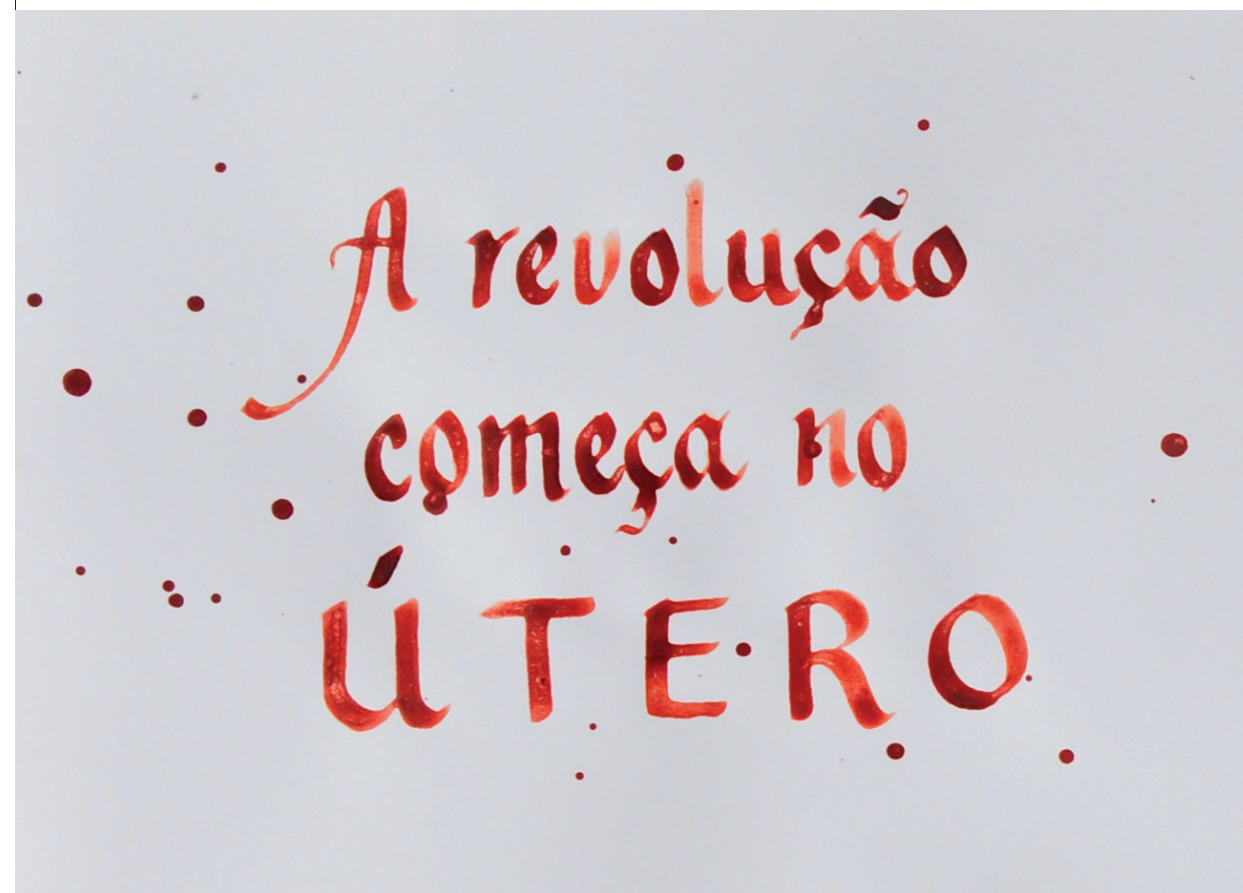
21. Se quiser fazer algum comentário, crítica ou sugestão aproveite esse espaço

*"Comecei a tomar umas injeções hormonais para que a menstruação cessasse, mas percebi que estava engordando e por isso parei o tratamento. Aguardo a menopausa ansiosamente!"*

*"Sangrar é poético."*

*"Adorei tê-lo respondido [o questionário]. Tive que parar e pensar em algumas das perguntas, e chegar nas respostas fez com que eu me desse conta de algumas coisas sobre mim. Obrigada."*

*"Nosso sangue é amor!"*



Ariadne Hamamoto, 2016  
menstruação sobre papel

A menstruação é um tabu tão forte na nossa cultura, que não podemos vê-la – existe a preocupação em esconder os absorventes, o medo e a vergonha de manchar a roupa de sangue, em comerciais de absorventes o sangue é representado em azul –, e nem podemos falar sobre ela. Tanto que **47% das mulheres** disseram que quando meninas **não tiveram uma conversa sobre menstruação antes dela começar**, não foram instruídas e nem preparadas para esse ritual de passagem que as apresenta a uma nova fase da vida. 40% das mulheres disseram que tiveram sim uma conversa com a mãe ou alguma mulher próxima, porém na maioria dos casos, a conversa se limita a ensinar como usar o absorvente e dizer que “aquilo vai acontecer todo mês”.

Tanto que quando questionadas sobre a **lembrança da primeira menstruação**, **69% fica entre terrível e indiferente**, sendo que a parcela de indiferente corresponde a 28% do total. O que reflete na **experiência que as mulheres têm com a menstruação** no decorrer de suas vidas, **55% das respostas marcam entre terrível e indiferente**.

Os produtos de higiene menstrual mais utilizados são o **absorvente/modes, utilizado por 65% das mulheres**, e o **coletor menstrual, utilizado por 36%**. Foi recorrente no questionário as mulheres evidenciarem que sua relação com a menstruação melhorou com o uso do coletor.

Por desconhecimento do que é e como exatamente acontece o ciclo menstrual, **44% das mulheres dizem saber mais ou menos quando estão no período fértil** – 25% dizem que sim, sentem e sabem quando estão ovulando; 23% não percebe; e 8% diz não saber e nem se preocupar com isso.

**10% das mulheres dizem que têm uma relação terrível com a TPM**, e **70% das respostas ficam entre terrível e indiferente**. A fase pré-menstrual, popularmente conhecida como TPM, foi colocada como um momento de chorar, de limpeza, de escuta, de prestar atenção em si; é uma fase intensa e sombria, que requer recolhimento, uma pausa. Porém essa fase não é entendida nem respeitada pela sociedade, que só vê histeria, loucura e descontrole.

**39% das mulheres fazem registro e controle do ciclo menstrual por meio de aplicativos**, enquanto **34% das mulheres não faz nenhum tipo de registro do ciclo**.

Identifica-se a necessidade de reconectar as mulheres e de preparar as meninas e celebrar o rito de passagem da menarca; de informar melhor o que é o ciclo menstrual, como ele acontece, de que maneiras ele influencia nosso ser. Resgatar sabedorias ancestrais sobre como entender e cuidar do o nosso corpo e saúde femininas. Fortalecer o feminino, empoderar as mulheres com autoconhecimento e autonomia.

Nas culturas antigas, o rito da menarca assinalava o reconhecimento da capacidade de conceber. Em reverência ao poder sagrado do sangue menstrual, as meninas ao ficarem menstruadas permaneciam recolhidas e isoladas por algum tempo, para refletir sobre a sua transformação em mulheres e aprender com as anciãs as suas novas responsabilidades. Até hoje tribos indígenas (como os índios mam-bikwara do Maranhão) encerram as meninas após sua primeira menstruação nas malocas, para serem purificadas com vapor de resinas de árvores e aprenderem com as mulheres como evitar (ou ter) filhos e saber lidar com os homens. No final da preparação (que leva de dois a seis meses) a comunidade as recebe com a “Festa da Moça Nova”, com fogueiras, comidas, cantos e danças. (FAUR, 2003, p.118)

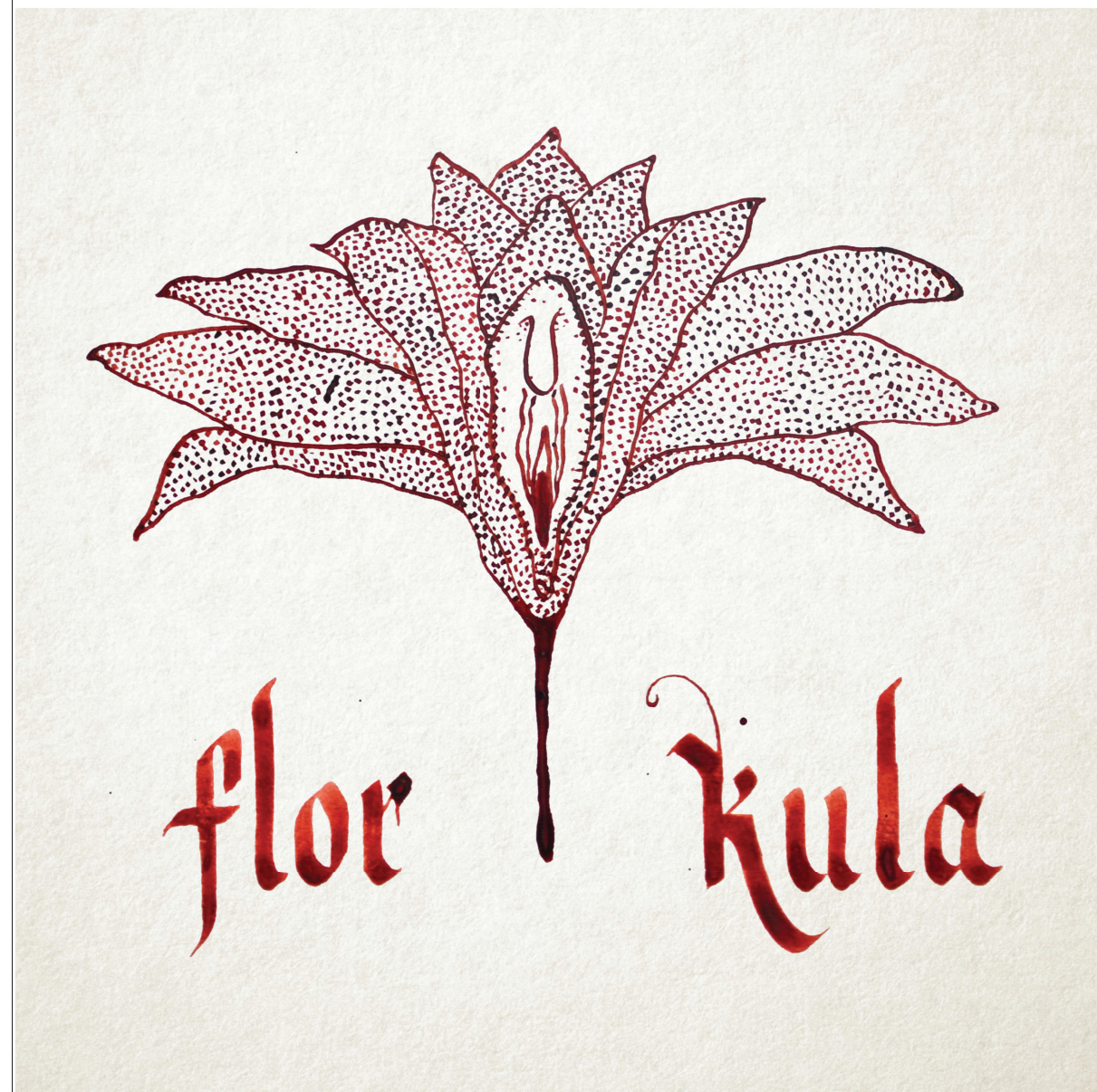
A tribo dos índios Apaches festejava a “Cerimônia do Nascer do Sol”, marcando o rito de passagem das meninas para a puberdade. Antes de o Sol nascer, as meninas, vestidas com roupas novas, enfeitadas com colares de turquesas e um disco de abalone em suas testas, eram levadas a um lugar sagrado. Orando e cantando, elas esperavam até que os primeiros raios solares tocassem o disco de abalone. Acreditava-se que nesse momento “A Mulher que Muda” abençoava as meninas, transformando-as em mulheres. (op. cit., p.275)



Um dos ritos de passagem mais importantes tratava da primeira menstruação. Esse rito celebrava a travessia da infância para a profunda capacidade de gerar vida no próprio ventre, de dispor do poder sexual resultante e de todos os poderes femininos periféricos. A cerimônia apresentava o sangue em todos os seus estágios: o sangue uterino da menstruação, o do parto, o do aborto, todos escorrendo em direção aos pés. (ESTES, p.269-270)

Celebrar a primeira menstruação ajuda a redefinir o novo papel da menina, fortalecendo seu self, amenizando a ansiedade e a responsabilidade de ser tornar mulher e melhorando a sua auto-estima, confiança e esperança nos dons e nas possibilidades da sua experiência. (FAUR, 2003, p.119)

"Minha experiência de análise com mulheres me leva a crer que grande parte do mau humor pré-menstrual da mulher moderna não representa apenas uma síndrome física, mas também pode ser atribuído ao fato de a mulher se ver frustrada na sua necessidade de reservar tempo suficiente para se revitalizar e se renovar." (ESTES, p.273)

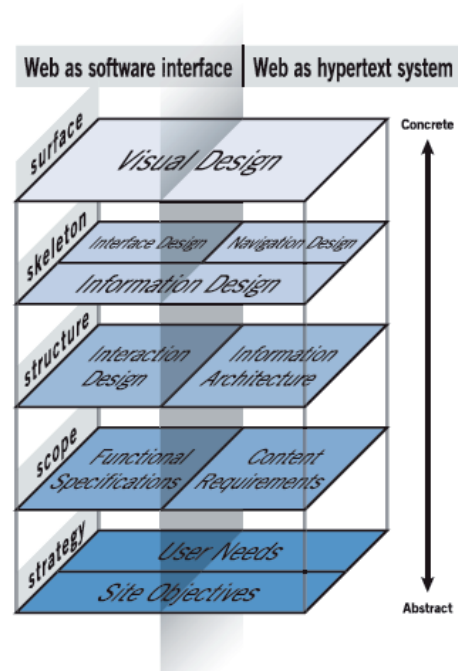


Ariadne Hamamoto, 2016  
menstruação sobre papel

## Definições de Conteúdo e Continente

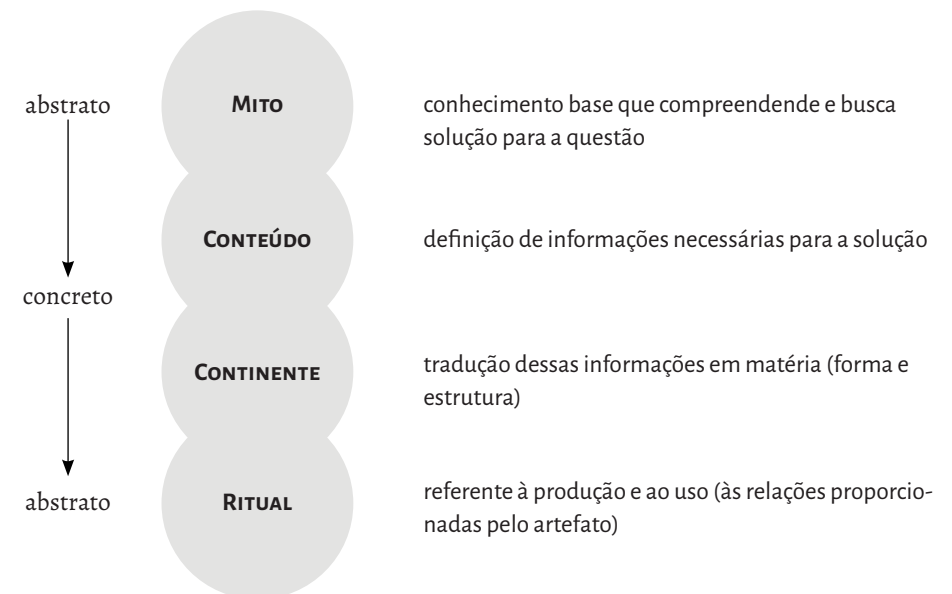
Todo artefato introduz uma ordem, materializando um sistema de relações entre diversos níveis; dá forma à matéria segundo um conjunto de ideias, se tratando da complementariedade entre conteúdo e continente (FLUSSER, p.26). Enquanto **práxis** de uma nova base de pensamento, esse projeto se desenvolveu a partir de conhecimentos mitológicos, arquetípicos e metafóricos. Após esse estudo, definiu-se o que deveria estar contido no produto, que informações e intenções. A partir daí, o processo foi traduzir e compor o *conteúdo* em *continente*: em estrutura e forma, em texto e imagem.

Na disciplina de Programação Visual 4, referente à design digital, foi realizado um trabalho de análise e re-design de aplicativos, e foram trabalhados *apps* para o ciclo mensal. Nesse processo utilizamos do trabalho de James Jesse Garrett, *Os Elementos da Experiência do Usuário*:

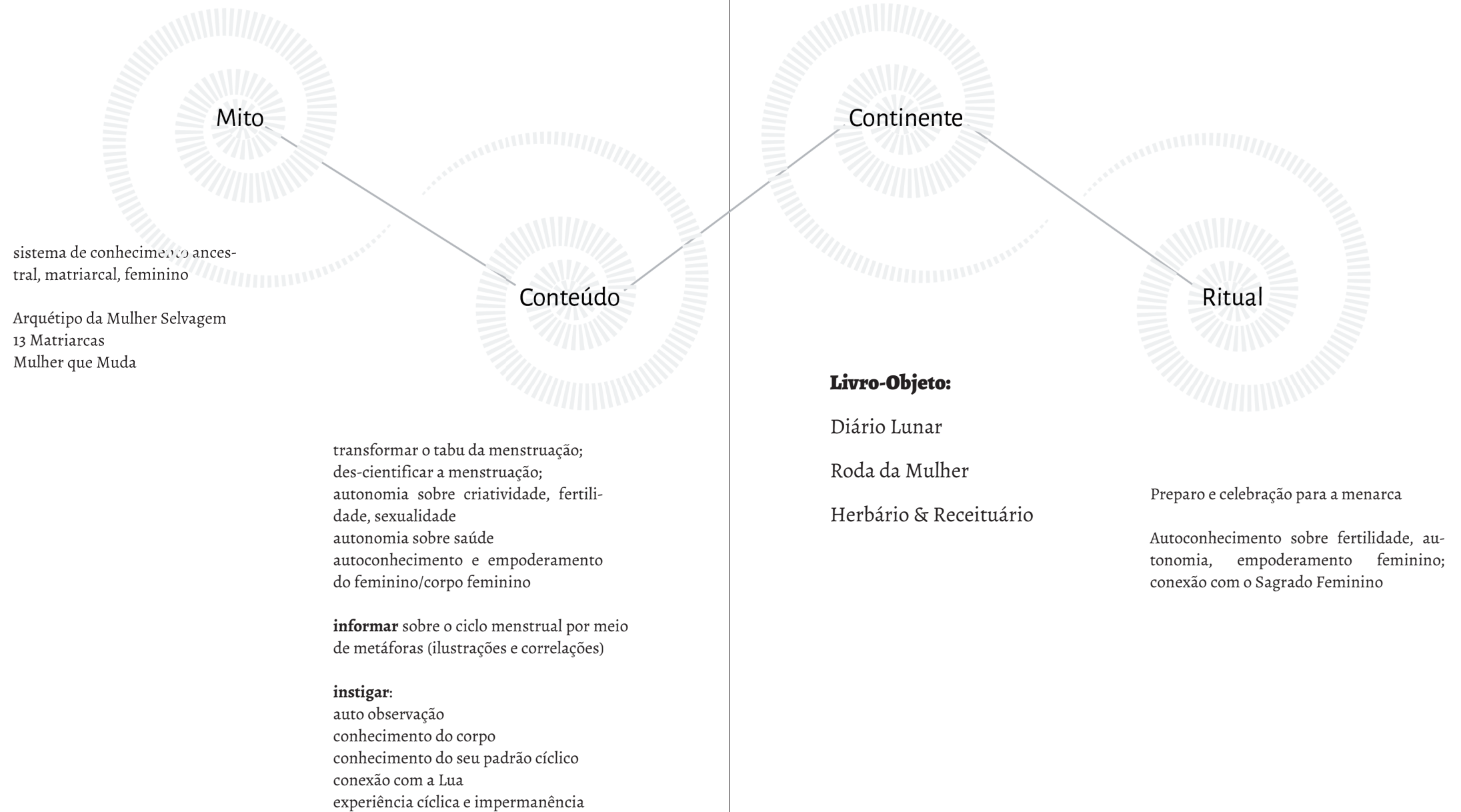


Buscou-se uma transposição dessa estrutura do digital para o material. Entendendo *estratégia* e *escopo* como conhecimento base para reconhecer e buscar uma solução para a questão, *estrutura* e *esqueleto* enquanto conteúdo e continente e *superfície* enquanto a forma resultante, passando do nível abstrato (do conhecimento, das ideias), para o nível concreto, no caso do aplicativo sendo a interface.

Gerou-se uma nova estrutura-guia para a elaboração do produto:



## Mito — Conteúdo — Continente — Ritual





## Diário Lunar

### *estrutura*



lombada triangular;  
cadernos em costura borboleta e fixos na  
estrutura central por elástico



### *componentes*

14 cadernos (13 para cada lunação do ano +  
1 de abertura;  
14 ilustrações para as capas (por Carlione  
Ramos);  
página do ciclo  
capa de massa plástica

### *experiência*

experiência cíclica e impermanência;  
ritual de fim-início de ciclo;  
auto observação diária

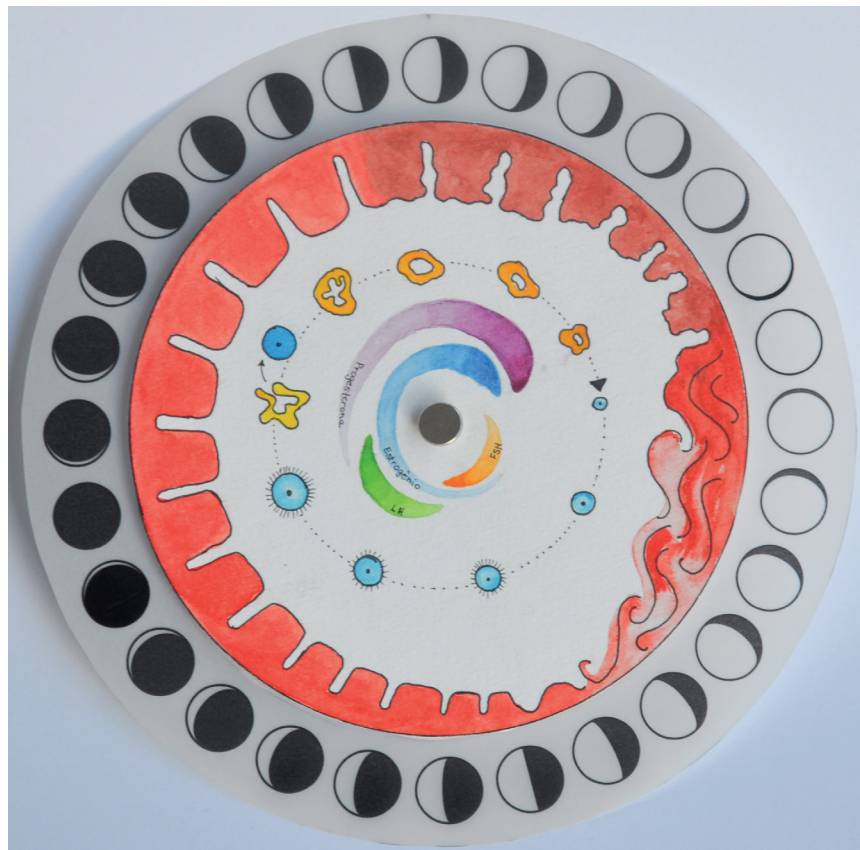




## Roda da Mulher

### estrutura

círculo de papel vegetal entre dois círculos de paraná, fixos pelo centro de forma que podem girar; espelho preso por um ímã



### componentes

ilustrações das quatro fases do ciclo menstrual no corpo (útero, ovários, hormônios);  
ilustrações dos indicadores de fertilidade (muco e lupa);  
ciclo da Lua;  
espelho

### experiência

autoconhecimento cíclico;  
acompanhamento das fases do ciclo feminino (na Lua e no corpo);  
conhecimento da fertilidade



## Herbário & Receituário

### estrutura

Leporello;  
concertina com picote nas dobras



### componentes

ervas e plantas secas;  
nome científico e popular das plantas;  
propriedades e usos das plantas

### experiência

conexão com a natureza e com a saúde;  
troca de conhecimentos e vivências com  
outras mulheres;  
agregar e expandir conhecimento





---

## Fechamento / Conclusão

Este projeto foi extremamente desafiador e gratificante, foi resultado de uma entrega a tudo o que eu acredito enquanto mulher e designer, e ao meu ciclo criativo interno. O desenvolvimento dele não foi progressivo e linear, mas fragmentado e sinuoso, dando grandes voltas, longas pausas e passando por alguns momentos de grande desespero. Sustentada por diversas autoras, perspectivas e visões do mundo e de suas possibilidades, inspirada e apoiada por muitas mulheres, foi possível materializar um novo sistema de relações, materializado em livro-objeto, que propõe um novo olhar sobre o feminino e sobre as vivências das mulheres com o corpo feminino.

---

## Bibliografia

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALBERS, Joseph. **A interação da cor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- ALLEN, Paula Gunn. **Grandmothers of the Light: a Medicine Woman's source book**. Londres: The Women's Press Ltd, 1992.
- BARROS, Lilian Ried Miller. **A Cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe**. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BOLEN, Jean Shinoda. **Like a Tree: how trees, women and tree people can save the planet**. San Francisco: Conari Press, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O milionésimo círculo: como transformar nós mesmas e o mundo, um guia para Círculos de Mulheres**. São Paulo: TRIOM, 2003.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ENSLER, Eve. **Os monólogos da Vagina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- FAUR, Mirella. **O Legado da Deusa: ritos de passagem para mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa**. São Paulo: Alfabeto, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o Resgate da Sabedoria Ancestral e a Espiritualidade Feminina**. São Paulo: Pensamento, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FUNCK, Susana Bornéo. **Desafios atuais dos feminismos**. In: Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. [livro eletrônico]. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.
- FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolos: desenho, projeto e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GARRETT, Jesse James. **The Elements of User Experience: user-centered design for the web**. [livro digital] Aiga, New Riders.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Editora Guanabara
- GREY, Miranda. **Let's go menstrual: enjoy your menstrual cycle and love its gifts**. [livro eletrônico]. UK: Dancing Eve, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Red Moon: understanding and using the creative, sexual and spiritual gifts of the menstrual cycle**. UK: Dancing Eve, 1994
- KING, Ynestra. **Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura**.

In: JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

KENT, Tami Lynn. **Wild Feminine: finding power, spirit and joy in the female body**. Oregon: Beyond Words, 2011.

KRIPPENDORF, Klaus. **The semantic turn: a new foundation for design**. Taylor and Francis Group, 2006.

LIMA, Manuel. **The book of trees: visualizing branches of knowledge**. New York: Princeton Architectural Press, 2014.

\_\_\_\_\_. **Visual Complexity: Mapping patterns of information**. New York: Princetown Architectural Press, 2011.

MARTÍN, Pabla Pérez San. **Manual introductorio a la ginecología natural**. Santiago de Chile, 2015. 3a ed.

MARTINEAU, John. **Quadrivium: as quatro artes liberais clássicas da Aritmética, da Geometria, da Música e da Cosmologia**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MILES, Rosalind. **A história do mundo pela mulher**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Ltda.: Casa Maria Editorial, 1989.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MUNARI, Bruno. **Um livro ilegível**. In: Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2a ed. (p.211-220)

\_\_\_\_\_. **Os pré-livros**. In: Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2a ed. (p.221-233)

MURARO, Rose Marie. **Textos da Fogueira**. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

ONO, Maristela. **Design e Cultura: sintonia essencial**. Curitiba: Insight, 2006.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro: resgatando o poder da menstruação**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1994.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo, SP: Edusp, 2010.

ROTHSCHILD, Joan. **Design and Feminism: re-visioning spaces, places and everyday things**. New Jersey: Rutgers University Press, 1999.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SOFFER, Olga. ADOVASIO, J. M.; PAGE, Jake. **Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SWAIN, Tania Navarro. **Por falar em liberdade...** In: Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. [livro eletrônico]. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

WALKER, Barbara G. **Feminist Fairytales**.

WALKER, Barbara G. **The women's dictionary of symbols and sacred objects**.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultix, 1964. 6a. ed.

WILSHIRE, Donna. **Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento**. In: JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

WOLF, Naomi. **Vagina: uma biografia**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ZAMBRANO, Pilar Echeverry. **Samai: a arte das curandeiras**. Porto Alegre: Ed. da autora, 2016.